Pedro Henrique Witchs
Jeff Jeffa Moreira Santana
Flávia Medeiros Álvaro Machado
(org.)

Caderno de Resumos

6° Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Libras: tradução, interpretação e guia-interpretação em diferentes contextos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS-LIBRAS

Organização
Pedro Henrique Witchs
Jeff Jeffa Moreira Santana
Flávia Medeiros Álvaro Machado

CADERNO DE RESUMOS

6º SEMINÁRIO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE LETRAS-LIBRAS: TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E GUIA-INTERPRETAÇÃO EM DIFERENTES CONTEXTOS

Vitória
2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Libras (6. : 2023 : Vitória, ES)

S471c Caderno de resumos [do] 6º Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Libras [recurso eletrônico] : tradução, interpretação e guia-interpretação em diferentes contextos / Organização, Pedro Henrique Witchs, Jeff Jeffa Moreira Santana, Flávia Medeiros Álvaro Machado. - Dados eletrônicos. - Vitória, ES : DLL-UFES, 2024.

80 p. : il.

Seminário realizado entre os dias 14 e 16 de dezembro de 2023.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: https://letras.ufes.br/pt-br/tcc-0.

ISBN: 978-65-998611-2-3

1. Língua brasileira de sinais - Congressos. 2. Tradução e interpretação - Congressos. I. Witchs, Pedro Henrique. II. Santana, Jeff Jeffa Moreira. III. Machado, Flávia Medeiros Álvaro, 1976-. IV. Título.

CDU: 81

Elaborado por Saulo de Jesus Peres – CRB-6 ES-000676/O

Universidade Federal do Espírito Santo
Reitor: Paulo Sergio de Paula Vargas
Vice-Reitor: Roney Pignaton da Silva

Pró-Reitoria de Graduação
Pró-Reitora: Cláudia Maria Mendes Gontijo

Centro de Ciências Humanas e Naturais
Diretora: Luciana Ferrari de Oliveira Fiorot
Vice-Diretor: Rafael da Silveira Gomes

Departamento de Línguas e Letras
Chefe: Mário Cláudio Simões
Subchefe: Christine Sant'Anna de Almeida

Colegiado de Graduação em Letras-Libras
Coordenador: Pedro Henrique Witchs
Subcoordenadora: Jeff Jeffa Moreira Santana

Docentes comentaristas
Amanda Caroline Furtado Freitas
Brigida Mariani Pimenta
Daniela Gomes Gumiero
Fabio Camarneiro
Flávia Medeiros Álvaro Machado
Jeff Jeffa Moreira Santana
Joyce Karolina Ribeiro Baiense
Keila Cardoso Teixeira
Leonardo Lúcio Vieira-Machado
Pedro Henrique Witchs
Rafael Monteiro da Silva
Ricardo Ferreira Santos

Comissão organizadora
Flávia Medeiros Álvaro Machado
Jeff Jeffa Moreira Santana
Pedro Henrique Witchs

SUMÁRIO

Apresentação 6

PARTE I – TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS 7

Direito à literatura como direito fundamental: indispensabilidade de traduções literárias no par linguístico português-Libras "investigando o gênero romance"
Ursulla Barbosa Vitorino | Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana 8

Vivências e experiências em shows musicais: o intérprete surdo e de apoio
Tamires Matos dos Santos | Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana 13

Estilemas gesto-corpóreo-espaciais em composições poéticas de Catherine Moreira: uma análise semiótica
Heitor da Costa Coelho | Orientadora: Arlene Batista da Silva 17

Tradução Libras-português do filme "Uma história de amor e fúria": processos e construção das personagens
Shirley Bravim Amorim | Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana 23

PARTE II – GUIA-INTERPRETAÇÃO E PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA 26

Potencialidades linguísticas de pessoas com surdocegueira: uma sistematização de suas formas de comunicação
Veruska Azeredo Valadão Monteiro | Orientador: Pedro Henrique Witchs 27

Experiência de guia-interpretação no estágio supervisionado em contexto educacional
Jéssica Corrêa Augusto | Orientador: Pedro Henrique Witchs 32

PARTE III – ASPECTOS LINGUÍSTICOS E DE ATUAÇÃO DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS 38

Relatos de interpretação e tradução Libras-português no contexto educacional: o curso técnico de Farmácia
Thamyres Christina Lima dos Santos | Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana 39

Políticas de tradução e interpretação Libras/português no campo da saúde no município da Serra-ES
Juliana Tereza Correia Benà Zacché | Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana 44

Parâmetros linguísticos dos aspectos fonomorfológicos da gramática de língua brasileira de sinais/Libras e as interferências comunicativas impactadas durante o contexto pandêmico da Covid-19
Priscila Delfina de Souza Ribeiro | Orientadora: Flávia Medeiros Álvaro Machado 48

Atuação do TILSP no ensino superior: a linguagem acadêmica e suas barreiras
Renata Silva dos Santos | Orientadora: Flávia Medeiros Álvaro Machado 54

PARTE IV – ASPECTOS DA FORMAÇÃO PARA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS 59

Estudos sobre o uso de línguas de sinais por pessoas ouvintes com autismo
Bárbara Eloah Lopes | Orientador: Pedro Henrique Witchs 60

Ambiente linguístico da educação de surdos: percepções a partir do estágio em interpretação educacional
Daysis Siqueira Nienke Radaelli | Orientadora: Daniela Gomes Gumiero 65

Primeira experiência profissional de uma intérprete educacional no ensino superior
Maria Eduarda Pimenta de Oliveira | Orientador: Pedro Henrique Witchs 69

O conhecimento produzido no Letras-Libras da Ufes: trabalhos de conclusão de quase 10 anos de curso
Sheila Gomes de Sousa | Orientador: Pedro Henrique Witchs 74

Apresentação

Em dezembro de 2023, o Colegiado de Graduação em Letras-Libras, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), realizou o 6º Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras-Libras. Esse evento tem se configurado como uma tradicional atividade acadêmica do curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação da Ufes desde o ano de 2017, quando a primeira turma estava prestes a concluir a graduação, uma etapa tão importante da formação acadêmica e profissional. O Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso registra um momento marcante da trajetória de estudantes que se debruçaram, por durante três semestres ou mais, no estudo de um assunto do seu interesse, a fim de produzir um trabalho que possa oferecer contribuições para o campo dos estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais em interface com estudos linguísticos e literários.

Este caderno de resumos possibilita conhecer um pouco dessas produções acadêmicas e evidencia as tendências e os interesses de pesquisa que circularam pelo Letras-Libras da Ufes nos últimos anos. Aqui, são encontrados os resumos expandidos dos trabalhos desenvolvidos por 14 estudantes, a maioria ingressante na turma de 2020. Tais trabalhos foram agrupados por quatro grandes temáticas: (i) tradução e interpretação em contextos artístico-culturais; (ii) guia-interpretação e pessoas com surdocegueira; (iii) aspectos linguísticos e de atuação da tradução e da interpretação em contextos comunitários; e (iv) aspectos da formação para tradução e interpretação em contextos comunitários.

Registramos nossos parabéns a estudantes e docentes que possibilitaram que esses trabalhos acontecessem e fossem apresentados no Seminário. Além disso, agradecemos a todas as pessoas envolvidas para que esse evento pudesse ser realizado: docentes que orientaram as pesquisas, docentes que atuaram como comentaristas dos trabalhos apresentados; estudantes que atuaram na monitoria do evento; a equipe do Setor de Tradução e Interpretação em Libras (STIL) da Ufes; e estudantes que apresentaram suas pesquisas, assim como familiares e suas redes de apoio.

Desejamos que este caderno motive estudantes que estão no caminho de desenvolver projetos de pesquisa, seja na iniciação científica ou no trabalho de conclusão de curso, contribuindo para novas investigações no campo dos estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais em nosso estado, no país e no mundo! Boa leitura!

Vitória, março de 2024.

Pedro Henrique Witchs
Jeff Jeffa Moreira Santana
Flávia Medeiros Álvaro Machado

PARTE I

TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS ARTÍSTICO-CULTURAIS

DIREITO À LITERATURA COMO DIREITO FUNDAMENTAL: INDISPENSABILIDADE DE TRADUÇÕES LITERÁRIAS NO PAR LINGUÍSTICO PORTUGUÊS-LIBRAS "INVESTIGANDO O GÊNERO ROMANCE"

Ursulla Barbosa Vitorino
Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana

Introdução

O artigo tem como tema a Tradução Literária, a qual é abordada por meio de um diálogo entre Direito e Literatura, objetivando de forma geral, refletir sobre o Direito à Literatura como Direito Fundamental haja vista a indispensabilidade de tradução de obras literárias no par linguístico Português-Libras. Sua principal base teórica é Antônio Cândido (1918-2017), que afirma que a literatura é um fator de humanização, elaborada em seu ensaio sobre Direito à Literatura (1988). Ancora-se, ainda, nos estudos do tradutor Paulo Henriques Britto que aborda acerca da indispensabilidade de traduções dentro daquelas culturas que tenham contato com outras culturas, em seu livro Tradução Literária (2012). Também serviu de base para esta pesquisa, os estudos de Lukács (2009), Forster (2005), Britto (2012), Sutton-Spencer (2021), e Godoy (2008, 2020 e 2022).

Ele é norteado pela seguinte pergunta: *Como as traduções literárias no par linguístico Português-Libras são tuteladas pelo ordenamento jurídico brasileiro? Como as produções do gênero romance são apresentadas a seu público e como podem impactar as comunidades surdas brasileiras?* A fim de responder esta indagação e alcançar o objetivo geral, propõe-se refletir sobre a aproximação do direito à literatura como um direito fundamental, examinar legislações relativas ao tema, e analisar as traduções de *Iracema* e *O Cortiço*. Para tanto, utilizou-se uma metodologia de pesquisa teórico-analítica.

Para melhor entendimento e organização do conteúdo, ele foi dividido em seções, por conseguinte, assim se ordena: *Introdução*, com uma breve exposição acerca da temática; *1 A relação entre direito e literatura*, objetivando resgate histórico do tema e a fundamentação teórica para fins de reflexão e análise; *2 Investigando a tradução do gênero romance no par linguístico Português-Libras*, em que busca conhecer as traduções do romance; *3 Análise teórico metodológica das traduções de Iracema e O Cortiço*, objetivando análise destas obras; *Considerações Finais*, com uma breve reflexão quanto ao conteúdo elucidado, e por fim as *Referências*, as quais serviram de base para nortear e produzir a pesquisa.

Fundamentação teórica

O diálogo entre Direito e Literatura pode causar estranheza para muitos, no entanto, não é de agora que essas ciências vêm estreitando laços. Ela teve início nos Estados Unidos

da América nos anos de 1900. Seus *founding fathers* foram Jhon Henry Wigmore, Benjamim Nathan Cardozo e Lon Fuller, conforme assevera Goddoy (2008). Com eles surgiram duas principais vertentes de estudos: (i) *Law in Literature* (Direito na Literatura), seu objetivo era o estudo das ocorrências de situações jurídicas nos textos literários e como elas eram abordadas; e (ii) *Law as Literature* (Direito como Literatura), seu objetivo era a análise do Direito como Literatura, em que utilizava esta como forma de interpretação dos textos legais.

Em 1970 surgiu o *Law and Literature Moviment* (Movimento de Direito e Literatura), ganhando uma nova vertente *Law of Literature* (o Direito da Literatura), objetivando a análise de normas do ordenamento jurídico que tutelam a literatura como um direito. O mesmo movimento foi verificado no Brasil, começando ainda na década de 1930. Teve como principal expoente Aloysio de Carvalho Filho que ganhou destaque com a obra *O processo penal de Capitu* (1958), em que ele investigou "os indícios favoráveis e contrários a tese de traição" (Prado, 2008, p. 1007).

Porém, foi Antônio Cândido (1918-2017) que trouxe novo fôlego a temática, uma nova perspectiva por meio de uma sólida discussão acerca da fruição literária a ser tutelada enquanto *direito humano*, abordando-a com "um fator indispensável à humanização" (1988, p. 176). Ela é tratada em sua forma mais ampla, abarcando todas as suas possibilidades, portanto, a literatura traduzida, do mesmo modo, possui esse alcance. Conforme ensina Brito (2012), ela é indispensável dentro de culturas que possuem contato com outras culturas, como é o caso do Brasil, sua cultura maior está em contato direito com a cultura e língua ainda minorizada das comunidades surdas. Desse modo, afirmar e oportunizar a literatura traduzida para Libras enquanto direito, é necessário para que se garanta aos utentes da Libras o usufruto dela e de seus benefícios.

Metodologia

Por se tratar de uma pesquisa com foco na crítica literária e de tradução, adotou-se para a sua produção, a metodologia de pesquisa teórico-analítica. Quanto aos procedimentos técnicos, foi escolhida a pesquisa bibliográfica, em que será examinada a normativa legal, privilegiando o exame da Constituição Federal, bem como leis infraconstitucionais relacionadas à temática da tradução e da literatura. Também serviram como base bibliográfica livros, artigos, dissertações e teses, além das traduções literárias de *Iracema* (2002) e *O Cortiço* (2015) vertidas para a Libras e publicadas pela Editora Arara Azul.

As obras de partida são do gênero textual romance e possuem como características: narrativa extensa em prosa, enredo, tempo e espaço, narrador e personagens. Portanto, esta pesquisa analisará se tais elementos estão presentes nas traduções de modo a confirmar a sua validade existencial enquanto traduções do gênero romance. A partir das referidas leituras, a pesquisa seguiu os seguintes passos:

PRIMEIRO: Exame da normativa legal, com a leitura dos artigos da Constituição Federal de 1988 (e leis infraconstitucionais).

SEGUNDO: Pesquisa em repositórios acadêmicos de universidades acerca da produção literária neste par linguístico, bem como no site da Editora Arara Azul e na plataforma do Youtube, para verificar quais gêneros textuais são traduzidos.

TERCEIRO: Análise das traduções literárias de *Iracema* (2002) e *O Cortiço* (2015).

QUARTO: elaboração do artigo.

Discussão de resultados e análise de dados

Como resultado da análise, em meio às leis no ordenamento jurídico, constatou-se que *não existe nenhuma normativa específica que objetive tutelar a tradução literária no par linguístico Português-Libras de forma direta e específica*. Portanto, é necessário entender como é possível perquirir a sua efetiva garantia, enquanto um direito. Embora não seja possível perceber qualquer normativa para esta temática, nota-se a tutela de ambas as atividades de forma apartada. Ou seja, a *tutela da tradução* em sentido amplo, a qual é detentora de vários gêneros textuais, e também a *tutela literária*.

Constatou-se que enquanto meio de expressão cultural, a Literatura ganha tutela constitucional por meio de seus mais variados títulos e capítulos. Sendo assim, destacam-se: (a) o direito à liberdade de expressão enquanto atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, bem como a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões (art. 5o, inc. IX, CFRB/1988 e art. 215, § 3o, inc. II, CFRB/1988); (b) os direitos autorais e da personalidade em obras coletivas (art. 5o, incs. XXVII e XXVIII, CFRB/1988); (c) o direito à diversidade e identidade cultural (art. 215, caput, parágrafos 1o, 2o e 3o, inc. V, CFRB/1988 e art. 242, § 1o, CFRB/1988), e (e) o direito de acesso à cultura (artigo 215, § 3o, II e IV, CFRB/1988), e (d) direito à preservação do patrimônio histórico e cultural (art. 5o, inc. LXXIII, CFRB/1988).

No que tange a tradução, nota-se que ela também é tutelada pelo ordenamento jurídico, tanto de forma a garantir a proteção dos direitos autorais quanto de forma a tutelar os direitos linguísticos relacionados à Libras. Quanto àquela forma, é perceptível que o legislador confere às traduções e seus criadores o mesmo status e tratamento conferido às obras originais e seus autores, objetivando de igual modo a proteção delas por meio da Lei n°. 9.610 de 19 de fevereiro do ano de 1998. No mais, sendo ela um meio de expressão da cultura, também, é detentora da mesma tutela constitucional conferida a Literatura, anteriormente mencionada.

Por meio da análise foi possível perceber que muitas são as obras traduzidas neste par linguístico, no entanto, ainda é pouco comparado a rica Literatura produzida pela cultura maior do país. Notou-se que a maioria das traduções de obras literárias brasileiras já realizadas é do gênero conto, com preferência para os machadianos; seguida do gênero

crônica, ganhando destaque para as de Lima Barreto. E, dentre as pesquisas que objetivam explorá-las, nota-se certa preferência para a literatura estrangeira, seguido das poesias, fábulas e lendas, bem como para os contos. Ademais, foi possível perceber certa resistência pela tradução do gênero romance, sendo encontradas apenas duas traduções: *Iracema* (2002) e *O Cortiço* (2015). Não sendo verificados trabalhos que se disponham a analisá-las. Cabe ressaltar que esta obra é considerada uma das mais cobradas no Enem (pré-requisito para o SISU, a principal porta de entradas das Universidades Pública bem como para as demais universidades e faculdades particulares). Da mesma forma Iracema e seu autor, são recorrentemente citados no referido exame.

No que tange estas traduções, constatou-se que conseguem verter não apenas o conteúdo, mas também a sua forma. Desse modo, as duas se mostram traduções longas, que demandam tempo para serem desfrutadas por seus leitores, sendo possível perceber que ambas as traduções conseguem verter a prosa. Esta é bastante explorada em *Iracema*, que explora o uso da simetria dos sinais, porém a sinalização rápida da tradutora lhe retira o tom poético. E, embora apareça em *O Cortiço*, ela é pouco realizada.

Percebe-se que ambas se afastam de uma interpretação livre, pois é notório uma grande preocupação com o texto de partida. No entanto, muito se afastam de uma tradução literal presa a cultura de partida. Ao contrário, mostram-se permeando ambas, haja vista que preservam as particularidades da obra de partida e apresentam elementos novos, tais como acréscimos, inseridos pelos tradutores.

Constatou-se também que o tempo e o espaço são muito bem demarcados em ambas as traduções, bem como o enredo, sendo o clímax em O Cortiço melhor evidenciado. O narrador é bem marcado nas duas, sendo que Gomes e Rosso trazem mais entusiasmo a ele com a exploração dos marcadores não manuais da Libras, fortemente explorados. Quanto aos personagens, ambas conseguem vertê-los, dando a cada um deles um nome visual na cultura de chegada. Em Iracema, os animais e os lugares destacados na obra de partida também ganham nomes visuais na cultura de chegada. Sendo assim, confirma-se as existências de ambas de forma válida enquanto traduções do gênero romance.

Conclusões

Foi possível concluir que a tradução de obras literárias neste par linguístico se torna indispensável na sociedade brasileira, pois é uma forma de promover acesso às obras literárias da cultura maior deste país à comunidade surda e aos utentes da Libras, assegurando, portanto, direitos culturais. Além de garantir conhecimento e instrução, haja vista que as obras e autores trabalhados no decorrer desta pesquisa são cobrados de forma recorrente na prova do Enem, evidenciando, o direito à educação. Também é uma forma de garantir direitos linguísticos a eles.

Quanto às traduções culturais de *Iracema* e *O Cortiço*, elas se mostraram inteiramente válidas, tanto em sua forma quanto em seu conteúdo, pois conseguiram verter as obras de partida de modo incomparável respeitando os elementos constitutivos que a configuram como pertencentes ao gênero romance e entregam um conteúdo de qualidade textual. Ambos os materiais são de suma importância para as comunidades surdas. Foi possível constatar que a carência de traduções deste gênero se deve ao fato dele ser muito extenso — o que demanda longo tempo de produção —, demonstrando ainda certa complexidade por se constituir de muitos elementos, os quais também demonstram complexidade para serem vertido, tal como a prosa.

Acreditamos não ser possível, tampouco justo, apontar uma das traduções como melhor ou favorita, tais questões são intrínsecas e pautadas nas subjetividades de cada um. De fato, ambas as traduções são memoráveis, pois certamente contribuirão muito para o trabalho de tradutores e intérpretes desta área literária, bem como para a formação acadêmica deles, haja vista que com elas é possível aprender estratégias tradutórias e interpretativas. Ademais, acreditamos contribuir com este trabalho como crítica literária, bem como incentivar o surgimento de mais traduções de obras literárias brasileiras do gênero romance neste par linguístico.

Referências

BRITTO. Paulo Henriques. **A tradução literária**. ed. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul / São Paulo: Duas Cidades, 2011.

EDITORA ARARA AZUL. **Iracema, José de Alencar**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2002. 1CD-ROM.

EDITORA ARARA AZUL. **O Cortiço, Aluísio Azevedo**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2015. 1 DVD.

EDITORA ARARA AZUL. **O Cortiço, Aluísio Azevedo**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2015. 2 DVD.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes. **Direito e literatura**. Os pais fundadores: John Henry Wigmore, Benjamin Nathan Cardozo e Lon Fuller. Jus Navigandi, Teresina, ano 12, n. 1438, 9 jun. 2007. Disponível em: https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/123456789/7421. Acesso em: 8 set. 2023.

GODOY, Arnaldo Sampaio de Moraes; FUGA, Bruno Augusto Sampaio (Orgs.). **José de Alencar, Jurista**: Coleção Literatura para Juristas. Londrina-PR: Thoth Cult, 2022.

PRADO, Daniel Nicory. Aloysio de Carvalho Filho: Pioneiro nos estudos sobre “Direito e Literatura” no Brasil?. **Anais do XVII Encontro Preparatório para o Congresso Nacional do CONPED**I. Florianópolis, p. 996-1012, 2008. Disponível em: http://www.publicadireito.com.br/conpedi/manaus/arquivos/anais/salvador/daniel_nicory_do_prado.pdf . Acesso em: 16 set. 2023.

VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM SHOWS MUSICAIS: O INTÉRPRETE SURDO E DE APOIO

Tamires Matos dos Santos
Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana

Introdução

Nas últimas décadas pode-se perceber a presença de intérpretes Libras-Português atuarem no contexto artístico-cultural como em shows e apresentações musicais, também trabalhos acadêmicos, como de Rigo (2013) e Albres (2020) que discutem esse campo de atuação e as práticas interpretativas. Uma vez que, a língua brasileira de sinais é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão pela Constituição Federal de 1988 e pela Lei no 10.436, de 2002. A acessibilidade em libras nas escolas, nos serviços públicos, nos meios de comunicação e em outros espaços sociais é uma forma de promover a inclusão e o respeito à diversidade linguística e cultural dos surdos. Além disso, os documentos legislativos como a Lei no 13.146/2015, “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” que incentivam o acesso linguístico de pessoas surdas a arte e cultura, sobre as políticas do trabalho nesse contexto. A pessoa surda cada vez mais tem se identificado com a música pelos elementos que ela proporciona, como elementos poéticos, vibratórios, letras que geram identificação com a vida, as manifestações do corpo por meio da dança, entre outros benefícios que trazem a sensação de bem estar. Com essas ações, destaca-se o trabalho das pessoas tradutoras e intérpretes surdas que tem atuado nessas atividades. Esta pesquisa se justifica com o desejo de conhecer e experenciar sobre como ocorre a atuação das equipes de intérpretes surdas e ouvintes em shows, uma contribuição para isso foi o artigo do Gabriel Isaac “Um surdo se aventurando na música” de 2020, então surgiu o interesse de vivenciar como é a atuação da pessoa intérprete surda como intérprete atuante e a intérprete ouvinte como apoio e analisar pela perspectiva da vivência e da experiência como é esse trabalho colaborativo.

Seção de fundamentação teórica

Os surdos, principais usuários de línguas de sinais, não apenas as utilizam como meio de comunicação, mas também se destacam como profissionais, conforme apontado por Campello (2014) desde 1875. Na luta pelo reconhecimento de sua identidade e língua, intérpretes surdos têm ganhado visibilidade, com a adequação de normas e funções, resultando na inclusão de candidatos surdos como tradutores/intérpretes de línguas de sinais. A interpretação simultânea, conforme descrita por Fomin (2018), geralmente ocorre entre

textos falados, seja em língua oral ou de sinais. Ela se desenrola em um espaço e tempo específicos, lidando com o texto em sua versão final no exato momento em que é enunciado. O trabalho dos tradutores-intérpretes de línguas de sinais é caracterizado como híbrido, envolvendo tanto a tradução prévia necessária para estudo e preparação do texto e da performance, quanto a interpretação em tempo real durante a apresentação ao público (Rigo, 2014b). Além disso, Rigo (2013), em sua dissertação de mestrado, aborda os aspectos metodológicos relacionados à estratégia de tradução, destacando semelhanças com os desafios enfrentados durante a realização do presente trabalho, o que permite a comparação e aplicação prática desses aspectos na experiência pessoal. O relato aborda a pesquisa além da relação entre teoria e prática, destacando a perspectiva do par experiência/sentido, conforme proposto por Bondía (2002) que enfatiza que pensar vai além do raciocínio e argumentação, envolvendo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Larosa discute como diferentes idiomas concebem o sujeito da experiência, seja como território de passagem, ponto de chegada ou espaço onde acontecimentos têm lugar.

Seção metodológica

A metodologia utilizada foi um estudo de campo, foi realizada a interpretação de shows composta por uma equipe de surdos e ouvintes convidando três pessoas surdas para realizarem as interpretações do show musical no espaço destinado a produções culturais. Além disso, analisar quais foram os aspectos, métodos e os desafios enfrentados durante a realização do trabalho, o que permite a comparação teórica à aplicação prática desses aspectos na experiência pessoal.

Seção de discussão de resultados ou análise de dados

Na preparação para realizar a interpretação simultânea em um espetáculo, identifiquei elementos essenciais que influenciaram antecipadamente o desempenho da equipe. Esses elementos incluíram: vivência e experiência, de acordo com Bondía (2002) “pensar não é somente ‘raciocinar’ ou ‘calcular’ ou ‘argumentar’, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece”. O texto traz que se considerarmos em espanhol, uma língua na qual a experiência é entendida como "o que nos acontece", o sujeito da experiência pode ser visto como um território de passagem, uma superfície sensível que é afetada de alguma forma pelo que ocorre, gerando afetos, deixando marcas e vestígios. Se analisarmos em francês, onde a experiência é definida como "*ce que nous arrive*", o sujeito da experiência é mais como um ponto de chegada, um local para onde as coisas se dirigem, assemelhando-se a um lugar que recebe o que chega e, ao receber, lhe proporciona um espaço. Em português, italiano e inglês, nos quais a experiência é expressa como "aquilo que nos acontece, nos sucede" ou "*happen to us*", o sujeito da experiência é, acima de tudo, um espaço onde os eventos ocorrem. (p.

24); tradução, segundo Fomin (2018) a tradução de textos, acontece a partir de um texto escrito em uma língua de partida, com tempo considerável para execução de seu trabalho, possibilidade de consulta a dicionários, sendo possível a qualquer momento fazer revisões e ajustes no texto na língua de chegada. Além disso, Rigo (2013) traz em sua na dissertação de mestrado a apresentação dos aspectos metodológicos referentes às estratégias de tradução relacionados ao modo como de construção da tradução; trabalho colaborativo O trabalho colaborativo entre intérpretes ouvintes e intérpretes surdos é uma prática que envolve a cooperação e interação entre profissionais que dominam línguas diferentes, percebem-se características como: complementaridade de Habilidades, colaboração em tempo real, cooperação para compreensão cultural, aprimoramento da qualidade da interpretação, a colaboração bem-sucedida muitas vezes envolve o desenvolvimento de protocolos e acordos de trabalho, garantindo uma cooperação para uma interpretação eficaz.

Conclusões

Considerando a proximidade dos profissionais ouvintes com a língua oral e sua capacidade de utilizá-la, assim como a imersão dos profissionais surdos na cultura surda e sua forte ligação com a língua de sinais. Por fim, percebendo, que profissionais surdos e ouvintes podem se complementar e compor equipes mistas, trabalho que requer um exercício de preparação, de vivências, de parceria e de compreensão mútua, ao confirmar ser imprescindível a presença de pessoas surdas nas equipes de interpretação do contexto artístico-cultural. Esse tipo de trabalho exige profissionalismo, parceria e compreensão mútua.

Referências

ALBRES, Neiva Aquino; SANTOS, Warley Martins dos. Luz, palco e a caracterização de tradutores e intérpretes de Libras-português em peça teatral. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 55, p. 119-148, 2020. DOI: http://dx.doi.org/10.5902/2179219441826.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Gerald. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, jan./abr., 2002, p. 20-28.

CAMPELLO, A. R. e S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução / interpretação cultural e seu desafio. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 33, p. 143-167, jul. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p143/27499.

FOMIN, Carolina Fernandes Rodrigues. **O tradutor intérprete de Libras no teatro**: a construção de sentidos a partir de enunciados cênicos. 2018. Dissertation (Master's in Applied Linguistics and Language Studies) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Available at: https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/21782.

RIGO, Natália Schleder. **Tradução de canções de LP para LSB**: identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

RIGO, Natália Schleder. Tradução de canções para língua de sinais: um recorte nos recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes. In: QUADROS, Ronice Müller; WEININGER, Markus J. **Estudos de Língua de Sinais**, v. 3, Florianópolis: Insular, 2014, p. 125-149.

ESTILEMAS GESTO-CORPÓREO-ESPACIAIS EM COMPOSIÇÕES POÉTICAS DE CATHARINE MOREIRA: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

Heitor da Costa Coelho
Orientadora: Arlene Batista da Silva

Introdução

A história da arte poética das línguas orais tem sido objeto constante de estudo desde o período Clássico. Entretanto, o reconhecimento e a teoria poética das línguas de sinais são fenômenos mais recentes, especialmente em relação à sua consolidação como línguas nacionais em vários países ao redor do mundo. Este fenômeno ganha ainda mais destaque na era digital, impulsionado pelo crescimento contínuo de artistas poetas e de obras poéticas nessas línguas. A expressão artística desempenha um papel fundamental na reivindicação identitária de grupos, sendo crucial analisá-la criticamente para compreender os padrões estético-estruturais específicos dessa forma de arte. Esse reconhecimento acadêmico é vital para a valorização da identidade e cultura de um povo por meio de suas expressões artísticas (Sutton-Spence, 2021).

No entanto, é notável a escassez de análises dedicadas a estudar essas construções poéticas, o que pode ser atribuído à falta de ensino acadêmico sobre as estruturas poéticas (Siscar, 2008) das línguas de sinais (Sutton-Spence, 2021). Além disso, a pesquisa e divulgação dos resultados dessas análises são limitadas, muitas vezes devido à preferência dada a outros campos do saber, como Tradução, Interpretação e Linguística. O presente estudo propõe uma análise crítica, teórica e semiótica (Peirce, 2008) dos estilemas gesto-corpóreo-espaciais e vocalizados, quando presentes, na poesia em Língua Brasileira de Sinais (Libras) do século XXI. Utilizando como base dois poemas de Catharine Moreira, o objetivo é desvelar os sentidos formais da configuração do verso na obra de uma poeta surda contemporânea em língua de sinais.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pretendemos analisar principalmente a elaboração dos sentidos formais presentes na configuração do verso na obra da poeta. Isso contribuirá não apenas para uma compreensão mais aprofundada da relação entre a configuração formal do poema e a sociedade contemporânea, mas também para revitalizar a crítica literária surda, ressaltando a importância do estudo das formas na literatura dessa comunidade. Além disso, ao confrontar os resultados da análise formal e semântica dos poemas em Libras com as considerações da historiografia e da crítica literária, a pesquisa oferece uma contribuição significativa para a revisão de alguns aspectos da observação convencional da poesia brasileira em língua portuguesa. Destaca-se a análise imanente como o ponto central para compreender as características estético-ideológicas exibidas pela poeta

surda nesse período, promovendo uma revisão crítica e contextualizada dessas expressões artísticas.

Seção de fundamentação teórica

A apreciação da literatura em apresentações públicas levanta a questão da relação entre entretenimento e estudo profundo da obra literária. A maioria dos espectadores busca uma experiência emocional, expressando seu agrado de forma mais superficial, seja através de gestos nas redes sociais ou aplausos entusiasmados (Sutton-Spence, 2021). No entanto, ao estudar profundamente uma obra literária, a análise crítica se torna fundamental. A análise aprofundada de uma obra literária envolve não apenas compreender sua trama e personagens, mas também explorar elementos literários como estilo, simbolismo, metáforas e estrutura narrativa. Isso permite uma compreensão mais profunda, desvendando nuances e revelando por que a obra é considerada excelente (Sutton-Spence, 2021). A apreciação da literatura, portanto, abrange um espectro que vai desde o prazer estético até a investigação crítica, ambos válidos e importantes.

A poesia moderna, em particular, é um campo de experimentação e reinvenção das formas poéticas tradicionais. Ela se destaca pela liberdade na utilização do verso, desafiando convenções e explorando novas formas de expressão (Siscar, 2008). Essa variedade no uso do verso permite aos poetas modernos trabalharem com uma ampla gama de temas e emoções, enriquecendo a expressão artística. No contexto do slam, uma forma contemporânea de competição poética, a performance desempenha um papel crucial. Cada apresentação é única, contribuindo para a singularidade da performance poética. A performance não se limita à leitura do texto, mas envolve interpretação, entonação, ritmo e expressão corporal, transmitindo uma experiência viva e sensorial para o público (Zumthor, 2012).

Os poemas de Catharine Moreira, apresentados em eventos de slam, destacam-se por exaltar a alteridade e a luta da comunidade surda, sendo manifestos de denúncias contra as opressões enfrentadas (Sutton-Spence, 2021). A performance desses poemas não é apenas uma batalha poética, mas também uma luta contra estigmas clínicos, sociais, culturais e históricos. A análise semiótica de Charles Sanders Peirce oferece uma lente analítica profunda para compreender a poesia. Suas categorias de primeiridade, secundidade e terceiridade, juntamente com as classes de signos, exploram a complexidade dos significados na expressão poética (Peirce, 2008). A teoria de Peirce enriquece a compreensão da linguagem poética e da construção estética de significados.

A partir da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce (2008) a análise dos poemas de Catharine Moreira se deu destacando a tríade semiótica composta por Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Primeiridade refere-se à experiência pura e imediata,

Secundidade envolve relações binárias e confrontos diretos, enquanto Terceiridade abrange processos de mediação e representação. As classes de signos, como Ícones, Índices e Símbolos, desempenham papéis fundamentais na expressão poética, representando relações por semelhança, contiguidade ou convenção. As classes relativas, como Qualisigno Relativo, Sinsigno Relativo e Legisigno Relativo, exploram inter-relações entre qualidades, instâncias e convenções na construção de significados na poesia.

A classe Argumento destaca a necessidade de interpretação mais profunda, com o interpretante desempenhando papel crucial. Em contraste, o texto também menciona as divergências entre as teorias de Peirce e Ferdinand de Saussure sobre o signo linguístico, ressaltando as perspectivas únicas desses teóricos na compreensão da linguagem. Enquanto Saussure adota uma abordagem dual com significante e significado, Peirce introduz uma classificação triádica, proporcionando uma estrutura mais abrangente para a compreensão dos signos. Em contextos de interpretação, como em poemas *slam* que combinam línguas de modalidades diferentes, os intérpretes desempenham um papel crucial. Além da tradução de palavras, eles são coautores, transmitindo emoções, entonações e ritmos. A interpretação torna-se uma arte complexa que contribui para a eficácia da comunicação e compreensão do público (Ferreira-Santos, 2018). Em suma, a apreciação da literatura em apresentações públicas envolve uma ampla gama de abordagens, desde o puro prazer estético até a análise crítica profunda. A poesia moderna e o *slam* oferecem espaços ricos para a expressão artística e a experimentação, enriquecendo a diversidade e complexidade da experiência humana.

Seção metodológica

Esta pesquisa, centrada na análise de poemas da poeta Catharine Moreira em Língua Brasileira de Sinais (Libras) na linha de literatura surda, empregou princípios de pesquisa documental, conforme delineado por Fortin (1999), ao utilizar fontes audiovisuais disponíveis em vídeos no *YouTube*. O estudo propôs uma análise comparativa entre teoria, crítica e poemas, baseando-se nas perspectivas do especialista em literatura Souza (2016) e nos pressupostos metodológicos da professora Fortin (1999). Dois poemas de Catharine Moreira, produzidos na primeira década do século XXI, foram selecionados para análise: "Pequeno Manual da Cultura Surda" (2017, 1’ 36”) e "Lembranças" (2020, 2’ 53”).

Esses poemas, mesmo não nominados, foram identificados e analisados por meio do cotejo crítico e aplicação prática de conceitos, com base no estudo de Fernanda de Araújo Machado, "Simetria na poesia visual na Língua de Sinais Brasileira" (2013), e nos princípios de "Semiótica" (2004) de Charles Sanders Peirce. A segunda fase da pesquisa consistiu em uma análise crítica e teórica dos estilemas gesto-corpóreo-espaciais e vocalizados presentes nos poemas de Catharine Moreira em Libras do século XXI. Inicialmente, buscou-se um embasamento teórico profundo para compreender a poesia em língua de sinais como um

signo semiótico e literário. A análise considerou não apenas os elementos visuais e gestuais, mas também as dimensões temporais e sonoras da língua de sinais, adotando uma abordagem intersemiótica e intermodal. A fase final da pesquisa se dedicou à análise específica dos estilemas gesto-corpóreo-espaciais e vocalizados, à luz dos estudos sobre a estética literária em Libras. Essa etapa envolveu a identificação de padrões, simbolismos e nuances expressivas presentes nos gestos, expressões faciais, movimentos corporais e elementos vocais nos poemas de Catharine Moreira.

Seção de discussão de resultados ou análise de dados

A análise dos poemas *Pequeno manual da cultura surda* (2017) e *Lembranças* (2020) revela distintas abordagens poéticas e expressivas, cada uma explorando particularidades de linguagem e performance. Ambas as obras, embora divergentes em temática, compartilham a riqueza da língua de sinais, Libras, como veículo de expressão artística, revelando as complexidades da cultura surda contemporânea. Ambos os poemas enfatizam a importância da performance visual, utilizando a linguagem gestual de forma marcante. *Pequeno manual da cultura surda* (2017) destaca a interação entre os poetas sinalizantes, Catharine Moreira e Cauê Gouveia, enquanto *Lembranças* (2020) ressalta a perspectiva da filmagem, a movimentação de Catharine e os intensificadores sonoros. Em ambas as obras, a expressividade não se limita à sinalização, mas é enriquecida por elementos visuais, como vestimenta e cenário.

No primeiro poema, *Pequeno manual da cultura surda* (2017), a ênfase recai sobre a coautoria e a denúncia de estigmas sociais associados à comunidade surda. A presença de um intérprete sinalizante, Cauê Moura, adiciona camadas à performance, criando uma dinâmica única entre sinalização e vocalização. Já em *Lembranças* (2020), a obra mergulha nas experiências pessoais da poetisa durante a pandemia, incorporando elementos do cotidiano e ressoando com o contexto histórico.

A estética nos poemas é marcada por uma poesia de denúncia, em critérios que carecem de uma atenção analítica. Para tanto, serão analisados a construção da rima; os ritmos, à medida que as construções dos sinais interrompem o comodismo da monotonia; a verossimilhança no poema, marcante quando há representatividade com fatos do cotidiano ou de um saber comum; a frequência, à medida que os sinais são executado, mediante as suas repetições em uma mesma sinalização, sendo repetições rápidas ou lendas, ou em sinais repetidos em momentos diferentes; a intensidade é pontuada mediante a força de execução da sinalização e das expressões não manuais, como em sinais de execução forte ou sinais de execução fraca e a duração de cada sinais também é passível de análise (Sutton-Spence, 2021). Em discussão, ainda teremos o processo de construção das pausas, dos

alongamentos (Sutton-Spence, 2021) e das variações performáticas (Sutton-Spence, 2021; Zumthor, 2012).

Enquanto *Pequeno manual da cultura surda* (2017) trata de questões sociais e culturais inerentes à surdez, "Lembranças 2020" é fortemente influenciado pelo cenário pandêmico. A poeta utiliza sua arte para narrar os impactos do Covid-19 em sua vida, conectando-se emocionalmente com o público ao abordar a solidão, a valorização do cotidiano e a incerteza do futuro. Ambos os poemas, apesar das diferenças temáticas e estilísticas, compartilham o objetivo comum de utilizar a língua de sinais como meio de expressão artística e de reflexão sobre o mundo ao seu redor. Enquanto um destaca questões culturais e sociais, o outro mergulha nas experiências pessoais da poetisa, demonstrando a versatilidade e profundidade da poesia em Libras.

O poema "Lembranças 2020" de Catharine Moreira é analisado sob a teoria semiótica de Peirce. Destaca-se a performance na Primeiridade com elementos visuais e sonoros. A Secundidade explora a expressividade da Libras, com pausas e estilos variados. Elementos modernistas e clássicos são ressaltados, assim como assonância e aliteração. Na Terceiridade, analisa-se a interação com o público, movimentos corporais e lembranças da pandemia. A comparação com pássaros simboliza a perda de liberdade, destacando solidão e valorização do cotidiano. O discurso de preservação da vida é relevante. A análise abrange aspectos visuais, auditivos e contextuais, enriquecendo a compreensão poética.

O *Pequeno manual da Cultura surda* de Catharine Moreira e Cauê Gouveia é analisado sob a perspectiva da teoria semiótica de Charles Sanders Peirce. Destaca-se a performance na Primeiridade, com ênfase em elementos visuais e interação entre os poetas. Cauê Gouveia atua como intérprete e coautor na vocalização, promovendo uma interação somativa. Na Secundidade, aborda-se a poesia bilíngue que combate estigmas sociais relacionados à surdez, com análise de assonância, aliteração e negação. O poema se enquadra na estética de denúncia contra a opressão dos surdos. Na Terceiridade, destaca-se o desabafo pedagógico e sarcástico, evidenciando indignação. A performance conjunta enfatiza o discurso, complementado pela expressividade vocal de Cauê Moura. Ambos os poemas compartilham estratégias estilísticas comuns da poesia oral moderna e contemporânea.

Conclusões

Este estudo desempenhou um papel crucial ao explorar a interconexão entre a configuração formal do poema em Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a sociedade contemporânea. Destacou a importância da análise comparativa entre a poesia em Libras e em língua portuguesa, oferecendo uma visão inovadora sobre a produção poética em Libras e enriquecendo a compreensão da poesia brasileira. A pesquisa ressaltou a análise imanente como central para entender as características estéticas e ideológicas presentes nos poemas,

contribuindo para a revitalização da crítica literária surda. Além disso, reconheceu a literatura surda como promotora da cultura e identidade surda, valorizando a Libras não apenas como uma ferramenta de acessibilidade, mas como uma língua autêntica com sua própria expressividade. Em suma, o estudo ampliou o escopo de análise da poesia brasileira, fortaleceu a importância da relação entre forma e conteúdo na literatura surda e revitalizou a crítica literária, proporcionando uma compreensão mais profunda e abrangente da expressão poética e das dinâmicas culturais.

Referências

ARTE MUNDANA. **Sarau Virtual**: Poesia surda por Catharine Moreiro (Lembranças). 2020. 1 vídeo (2 min 53 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kVxxK2OINaI. Acesso em: 09/04/2022.

FERREIRA-SANTOS, R. **A autoria na interpretação Libras para o português**: aspectos prosódicos e construção de sentidos na perspectiva verbo-visual. Dissertação (mestrado). São Paulo: s.n., 2018.

FORTIN, Marie-Fabienne. **Os processos de investigação**: da concepção à realização. Tradução: Nídia Nogueira. Loures: Lusociência, 1999.

MANOS E MINAS. **Poeta**: Catharine Moreira e Cauê Gouveia (Pequeno manual da Cultura surda). 2017. 1 video (2 min 06 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gnwNDGVg0eI. Acesso em: 09/04/2022.

SISCAR, Marcos. Poetas à beira de uma crise de versos. In: ALVES, Ida; PEDROSA, Celia. **Subjetividades em devir**: estudos de poesia moderna e contemporânea. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 209-217.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Um pouco de método**: nos estudos literários em partículas, com extensão às humanidades em geral. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Tradução de Gustavo Gusmão. 1. ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021. Disponível em: http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf. Acesso em: 03/12/2022.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

A TRADUÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS DO FILME "UMA HISTÓRIA DE AMOR E FÚRIA": PROCESSOS E A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS

Shirley Bravim Amorim
Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana

Introdução

Este trabalho tem como proposta o acesso linguístico para as pessoas surdas brasileiras, sendo iniciado na disciplina de Estágio Supervisionado II, no qual contou com um bom trabalho em equipe. Trabalhar em equipe requer habilidades de cooperação, empatia, apoio, motivação dentre outros que foram fundamentais para o sucesso desta atuação. Cada uma colaborou de maneira única, pois todas tiveram sensibilidade em ajudar nas dificuldades da outra e isso colaborou para solucionarmos os desafios existentes nos bastidores da tradução.

O objetivo da pesquisa in loco foi analisar e descrever a atuação tradutória e performática do filme “Uma história de amor e fúria” pelas tradutoras do par linguístico libras-português. Também apresentar como foi realizado e desenvolvido o projeto de tradução do filme, demonstrando as características dos personagens e as estratégias de tradução que os profissionais buscaram desenvolver no percurso do trabalho.

Em seu referencial teórico, autores como Sobral (2008) e Nogueira (2019) são essenciais para a construção do profissional tradutor e intérprete, pois explicam estratégias e direcionam nosso olhar para técnicas e cuidados necessários para as práticas interpretativas. Jackson (1988) fundamenta questões de comunicação quando fala sobre “ausência de certos processos gramaticais na linguagem” e como isso interfere nas traduções. Também como norteadores usamos as leis e informações da Ancine acerca da acessibilidade em espaços culturais.

Seção de fundamentação teórica

O embasamento teórico foi forjado nas Lei no 10.436/2002, que: “Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências” reconheceu a Libras enquanto língua e meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, bem como o Decreto Regulamentador no 5.626/2005 que “Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000”.

Beth Brait traça os perfis de personagem quanto o tipo de narrativa:

> Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos procura presentificar a personagem, expondo sua interioridade de forma a diminuir a distância entre o escrito e o "vivido". No artifício do diário, o emissor, a voz narrativa, não pressupõe um receptor. Dessa forma, cada página procura expor a "vida" à medida que se desenvolve, flagrando a existência da personagem nos momentos decisivos de sua existência, ou pelo menos nos momentos registrados como decisivos.

Adail Sobral, (2008), é presença marcante pois tras reflexiões a respeito de como realizar traduções sem perder o sendido da informação. Com esta perspectiva o trabalho foi desenvolvido com a preocupação na produção de sentidos que envolve o enredo do filme. Grice (1999), foi necessário para compreendermos os símbolos e os valores lógicos das sentenças, onde questões históricas fazem parte da narrativa do filme.

> (...) uma vez que os lógicos se ocupam com a formulação de padrões muito gerais de inferências válidas, os símbolos formais possuem uma vantagem decisiva sobre suas contrapartes em línguas naturais.

Seção metodológica

Iniciamos a organização do projeto de tradução do filme da língua Portuguesa para a Libras e, a primeira tarefa a ser feita foi assisti-lo, com o objetivo precípuo de conhecer a história e seus personagens. A segunda tarefa, realizar a minutagem a fim de descrever a entrada de cada personagem e em qual tempo do filme, bem como sons e barulhos que aparecem no decorrer da obra cinematográfica.

Em um segundo momento foi necessário reconhecer os personagens principais e separá-los dos secundários, e quanto a estes reconhecer quem são os mais importantes e que possuem papéis imprescindíveis e de fato devem ser traduzido, omitindo os menos importantes que possuem falas menos relevantes para a obra e, consequentemente, poderiam ser omitidos na tradução.

O LabLibras (Laboratório audio visual do curso de libras da UFES) situado no Edifício Bernadete Lira foi fundamental para a gravação e edição das imagens. Há estúdios para gravação equipados com iluminação, e equipamento de filmagem. Uma sala com dois computadores e software para edição.

Seção de discussão de resultados ou análise de dados

Iniciarmos a tradução do filme, ficando acordado que começaríamos a traduzir os protagonistas, iniciando por Abeguar (Thamyres). Usando a cor de blusa preta. No decorrer da atividade tradutória, algumas intercorrências, a camisa subia no momento da sinalização deixando à mostra a calça jeans no vídeo, a estratégia para contorná-la foi fita adesiva. A ideia dada para evitar esse contratempo foi a utilização de vestido para a próxima tradução. Outro

contratempo possível de observar foi o fato de ser necessário mais de uma pessoa para atuar no LabLibras além de um professor, pois não era possível manusear a filmadora, manusear o computador e a TV e ainda orientar ao mesmo tempo. A melhor estratégia utilizada foi o grupo atuar exercer o apoio em conjunto.

Conclusões

O processo de tradução é longo e demorado, demandando investimento de tempo, equipamentos, pessoas e recursos financeiros para aquisição do figurino. Propomos a realização de um projeto que tenha no mínimo seis meses de dedicação exclusiva; parceria com o curso de Cinema e Audiovisual; investimento financeiro; envolvimento de mais pessoas para compor os personagens; equipe para o acompanhamento das gravações e edição. As práticas nos ensinam a superar o que não sabemos e o que precisava ser superado, a ver por trás dos bastidores; que quando a luz apaga e as cortinas se fecham ainda tem serviço a ser feito, há estudo e planejamento para a "próxima apresentação”.

Referências

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática. p.62.

BRASIL. Instrução Normativa n. 165, de 29 de setembro de 2022. Dispõe sobre normas gerais e critérios básicos de acessibilidade visual e auditiva, a serem observados nos segmentos de distribuição e exibição cinematográfica. Brasília: DOU n.o 187, Seção 1, páginas 124-125, de 30/09/2022. Disponível em: https://www.gov.br/ancine/pt-br/acesso-a-informacao/legislacao/instrucoes-normativas/instrucao-normativa-no165. Acesso em: 25/06/2023.

BRASIL. Lei no 13.146, de 06 de julho de 2015. Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília. Pres. Dilma Roussef. Coleção de Leis do Brasil - 2000.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**: Pragmática - problemas, críticas, perspectivas da linguística. Campinas: Unicamp. p. 81-103,1982.

SOBRAL, Adail. **Dizer o Mesmo a Outros**: ensaios sobre tradução. 1. ed. São Paulo, SP: Editora SBS, 2008.

PARTE II
GUIA-INTERPRETAÇÃO E PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA

POTENCIALIDADES LINGUÍSTICAS DE PESSOAS COM SURDOCEGUEIRA: UMA SISTEMATIZAÇÃO DE SUAS FORMAS DE COMUNICAÇÃO

Veruska Azeredo Valadão Monteiro
Orientador: Pedro Henrique Witchs

Introdução

A experiência da surdocegueira ainda é pouco conhecida pela sociedade, podendo despertar, inicialmente, diversas formas de compreensão sobre as pessoas surdocegas que, hoje, lutam por uma vida cada vez mais autônoma. Neste trabalho, proponho entendê-la como uma experiência linguística e sensorial que merece ser objeto de estudos que analisem como o modo que cada pessoa a vivencia tem efeitos nas linguagens que serão adotadas para compreender e se expressar. Levando em consideração as diferentes formas de uma pessoa com surdocegueira se comunica que são registradas na literatura acadêmico-científica sobre essa experiência, meu objetivo, com este trabalho, é discutir uma proposta de sistematização das formas de comunicação de pessoas com surdocegueira. Justifico o meu interesse em desenvolver essa pesquisa pela razão de, nem sempre, encontrar uma lógica nos modos como essas formas de comunicação são apresentadas na bibliografia especializada. Muitas vezes, essas formas de comunicação são listadas, sem aparente critério de organização, distinção ou agrupamentos que permitam uma melhor compreensão sobre as possibilidades linguísticas das pessoas com surdocegueira.

Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa bibliográfica

O trabalho apresenta uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório e do tipo bibliográfica. Para tanto, foi realizado um levantamento da produção acadêmica e científica em torno da surdocegueira a partir de três plataformas digitais acessíveis pela internet: *Google Acadêmico*, *SciELO* e o *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes*. Assim, busquei por produções nacionais disponíveis como livros, trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses), trabalhos publicados em anais de eventos e artigos publicados em periódicos científicos, dentre outros, que abordam aspectos comunicacionais de pessoas com surdocegueira.

Com a conclusão do levantamento e da seleção, estabeleci um filtro para restringir somente produções que indicassem formas de comunicação de pessoas com surdocegueira. A partir disso, cheguei a um conjunto formado por oito produções compreendidas no período entre os anos de 2015 e 2021. Destes, cinco são trabalhos acadêmicos (Maia, 2004; Almeida, 2015; Falkoski, 2017; Santos, 2017; Watanabe, 2017) e três são livros (Lupetina, 2020; Vilela, 2020; Canuto *et al*., 2021). A partir da leitura dessas produções, foi possível realizar um

mapeamento inicial, no qual identifiquei pelo menos 50 ocorrências de formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira.

Resultados e discussões

Na medida em que fui me apropriando da produção selecionada, a partir das leituras preliminares e, posteriormente, das leituras analíticas, percebi que os autores apresentam explicações sobre as formas de comunicação. Isso contribuiu para o trabalho de sistematização e elaboração do Quadro 1, apresentado no fim desta seção. É importante destacar que incluo, como forma de comunicação, estratégias comunicacionais utilizadas por pessoas com surdocegueira. Ao tratar sobre as características dessas pessoas, para pensar seu desenvolvimento educacional, cognitivo e social, Vilela (2020, p. 101) explica que “no processo de desenvolvimento, são incorporados novos sistemas e novas estratégias”. Fatores psicológicos, cognitivos e, em especial, emocionais também podem influenciar a pessoas com surdocegueira adquirida, uma vez que precisam se adaptar a novas condições sensoriais. Assim, “para que a comunicação da pessoa com surdocegueira se estabeleça são necessárias técnicas e recursos bastante específicos, sempre considerando sua história de vida, suas capacidades pessoais e seu meio ambiente” (Watanabe, 2017). A diversidade das potencialidades linguísticas pode ser relacionada com as especificidades da experiência da surdocegueira em cada indivíduo, pois cada um vivencia a surdocegueira a sua maneira e a partir de um determinado estágio da vida. Deste modo, “o sistema de comunicação, portanto, que cada pessoa utilizará, está relacionado diretamente e construtivamente, com a forma de comunicação que desenvolveu durante sua vida e suas experiências de linguagem” (Almeida, 2015, p. 149).

O momento de aquisição da surdocegueira pode influenciar de forma significativa o ato da comunicação, considerando que, se uma pessoa era falante de uma língua vocal ou de uma língua de sinais, poderá continuar se expressando da mesma forma, ou seja, poderá falar uma língua vocal ou sinalizada para responder uma interação (Watanabe, 2017). Contudo, essa pessoa dependerá adaptar a forma como recebe as informações da mensagem por conta do impedimento auditivo e visual, ou seja, sua forma de comunicação receptiva será alterada.

Com base nas 50 ocorrências que foram identificadas inicialmente, observei que uma mesma forma de comunicação pode sofrer alteração na maneira como é identificada por autores diferentes, o que exigiu uma análise mais detalhada e um esforço maior para compreender as definições propostas para cada uma das formas de comunicação. Assim, foi preciso realizar um trabalho minucioso de desambiguação na lista, diminuindo o número de ocorrências para 25. Importante mencionar que isso foi necessário, uma vez que uma mesma

forma de comunicação aparecia com identificação diferente, de modo que sua repetição na sistematização não contribuiria com a proposta.

Após a conclusão das etapas realizadas durante a pesquisa, o levantamento bibliográfico, o mapeamento, a seleção das formas de comunicação, a leitura dos conceitos e o trabalho de desambiguação, foi possível elaborar uma proposta de sistematização que agrupou 25 ocorrências diferentes para as formas e estratégia de comunicação de pessoas com surdocegueira. Diante disso, separei essas formas de comunicação em três agrupamentos de acordo com a características de cada uma delas: (i) formas de comunicação baseadas em línguas vocais, (ii) formas comunicação baseadas em línguas de sinais e (iii) formas de comunicação baseadas em linguagens não verbais como desenhos, expressões faciais e imagens, conforme descrição contida no Quadro 1 a seguir:

Quadro 2 - Quadro sistemático de formas de comunicação de pessoas com surdocegueira.

FORMAS DE COMUNICAÇÃO			
Nº	**Com base nas línguas vocais**	**Com base nas línguas de sinais**	**Linguagens não verbais**
1	Alfabeto datilológico tátil	Comunicação Social Háptica	Desenhos
2	Alfabeto MOON	Língua de sinais	Expressões faciais
3	Alfabeto tátil	Língua de sinais em campo reduzido	Imagens
4	Braille tátil ou manual	Sinais tátil	
5	Escrita ampliada	Sistema Pró-Tátil	
6	Escrita na palma da mão		
7	Fala ampliada		
8	Leitura labial		
9	Materiais técnicos com retransmissão em Braille/Display Braille		
10	Objeto de Referência/Pistas		
11	Prancha de Comunicação		
12	Pranchas alfabéticas		
13	Sistema Lorm		
14	Sistema Malossi		
15	Tadoma		
16	Tarjeta		
17	Uso do dedo como lápis		

Fonte: elaborado pela autora (2023).

A sistematização que discuto no trabalho e que estou apresentando como proposta é apenas uma das possibilidades existentes a partir das formas e estratégias utilizadas por pessoas com surdocegueira. Após a conclusão da pesquisa, verifiquei a existência de outras perspectivas e outras variáveis, mas vou me restringir a apenas esta e deixar as demais possibilidades para futuras pesquisas.

Considerações finais

Com o levantamento bibliográfico e o mapeamento das formas de comunicação de pessoas com surdocegueira, foi possível identificar, diferentes características que mostram alguns detalhes que as distinguem umas das outras, tais como a base que possibilita a comunicação. Algumas dessas bases são de linguagens verbais, outras, de linguagens não verbais. Dentre as linguagens verbais, identifiquei sistemas baseados em línguas vocais e sistemas baseado em línguas de sinais; sistemas alfabéticos e sistemas não alfabéticos, sistemas baseados em códigos, recursos de apoio à comunicação e tecnologia assistiva, e outros mais que outras pesquisas podem alcançar.

Como descrito na seção anterior, optei pela sistematização sob o aspecto dos sistemas baseados em línguas vocais, línguas de sinais e em linguagens não verbais. Assim, foi possível a construção de um quadro sistemático apresentando um tipo de organização das formas de comunicação encontradas durante o trabalho que estão dispostas no Quadro 1. Além disso, a pesquisa finalizada gerou em mim grandes expectativas para continuar pesquisando as questões de linguagem de pessoas com surdocegueira, bem como continuar com trabalhos envolvendo as potencialidades linguísticas dessas pessoas.

Entendo que o quadro sistemático permite reconhecer as diferentes formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira de um modo organizado e associado em categorias que possibilitem a facilitação da identificação e do entendimento sobre elas. O produto do trabalho poderá ser ampliado, servindo como uma fonte de consulta e pesquisa para estudantes e profissionais que atuam com guia-interpretação ou instrução-mediação de pessoas com surdocegueira. Entendo que a temática das linguagens relacionadas com a surdocegueira constituem um campo vasto e muito produtivo para pesquisas futuras e para a produção de trabalhos, pois é uma área pouco explorada no ponto de vista acadêmico-científico. Espero que novas pesquisas sejam produzidas e que novas discussões possam surgir oferecendo subsídios para novos trabalhos.

Referências

ALMEIDA, W. G. **O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CANUTO, B. S.; SANTANA JÚNIOR, C. A.; ARAÚJO, H. F.; LOURENÇO, K. R. C. **Práticas de interpretação tátil e comunicação háptica para pessoas com surdocegueira**. 2. ed. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

FOLKOSKI, F. C. **Análise do processo de comunicação de pessoas com surdocegueira congênita a partir da produção e do uso de recursos de comunicação alternativa**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

LUPETINA, R. **Histórias de vida de indivíduos com surdocegueira adquirida**. Curitiba: Appris, 2020.

MAIA, S. R. **A educação do surdocego**: diretrizes básicas para pessoas não especializadas. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

SANTOS, M. A. S. **A experiência da tradução/interpretação para uma surdocega pós-linguística**: a linguagem tátil como forma de (re)criação dos sentidos. 2017. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras-Libras) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

VILELA, E. G. **Educação de surdocegos**: perspectivas e memórias. Curitiba: Appris, 2020.

WATANABE, D. R. **O estado da arte da produção científica na área da surdocegueira no Brasil de 1999 a 2015**. 262 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

EXPERIÊNCIA DE GUIA-INTERPRETAÇÃO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM CONTEXTO EDUCACIONAL

Jéssica Corrêa Augusto
Orientador: Pedro Henrique Witchs

Introdução

Uma língua de sinais tátil pode ser compreendida como uma variação de uma língua de sinais em que a modalidade de expressão se mantém gestual e a modalidade de compreensão se altera para o sentido do tato. Essa variação na modalidade costuma ser adotada por pessoas com surdocegueira que têm uma língua de sinais como primeira língua. Uma profissão que exige conhecimento e habilidade para o uso de uma língua de sinais tátil é a de guia-intérprete, profissional que, além de interpretar interações, pode se responsabilizar pela descrição, orientação e mobilidade de pessoas com surdocegueira.

Diante disso, o objetivo do meu trabalho é discutir a minha experiência de guia-interpretação vivenciada durante um estágio supervisionado em Tradução e Interpretação no contexto educacional. Desse modo, assumo a realização de uma pesquisa autoetnográfica a partir da qual discuto relatos da minha vivência como guia-intérprete em uma instituição educacional pública da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo, onde atuei diretamente com um estudante com surdocegueira matriculado em um curso técnico-profissional.

Surdocegueira, língua de sinais tátil e guia-interpretação

A surdocegueira tem sido caracterizada pela associação dos impedimentos, parcial ou total, dos sentidos da audição e da visão em um mesmo indivíduo. Ela pode ser congênita ou adquirida, de modo que pessoas com surdocegueira apresentaram características diferentes a depender da constituição de sua experiência, a qual costuma ser marcada pelo desafio das condições de acessibilidade postas na sociedade contemporânea. Devido aos diferentes perfis de pessoas com surdocegueira, são várias as formas de comunicação adotadas por elas. Ao mapeá-las na literatura acadêmico-científica nacional, Monteiro (2023) identifica o registro de pelo menos 25 formas de comunicação utilizadas por pessoas com surdocegueira, distinguindo-as entre as que são baseadas em línguas vocais, em línguas de sinais e em linguagens não verbais.

A partir da modalidade gestual-tátil, a língua de sinais se torna acessível para pessoas com surdocegueira que têm uma língua de sinais como primeira língua. Essa modalidade linguística é muito comum entre pessoas surdas que desenvolvem o impedimento sensorial da visão posteriormente ou mesmo entre pessoas com surdocegueira congênita. No contexto brasileiro, a língua brasileira de sinais (Libras) tátil se constitui como uma potente base

linguística para compreensão e acesso à informação para essas pessoas. Sobre o uso dessa língua, Farias (2015, p. 31) explica:

> [...] mantém-se a mão da pessoa com surdocegueira em cima das mãos do interlocutor, assim ele poderá perceber a configuração da mão, o ponto de articulação, o movimento e a orientação da mão no espaço e no tempo. Entretanto, para que essa comunicação seja fluida é importante que a Libras seja dominada tanto pelo emissor como pelo receptor da mensagem.

A guia-interpretação para pessoas com surdocegueira pode ser caracterizada como uma especialização do trabalho de profissionais tradutores e intérpretes de línguas de sinais. Entre as funções do guia-intérprete, entretanto, é possível incluir, além da interpretação de todas as interações, a descrição do ambiente, de pessoas e de situações que cercam uma pessoa com surdocegueira, assim como contribuir para sua orientação e mobilidade em um determinado espaço ou durante um percurso. Dessa maneira, esse profissional, “além de exercer a função de mediador, deve desenvolver as competências necessárias no processo de tradução e interpretação entre as línguas que estiverem sendo contempladas em uma determinada situação comunicacional” (Almeida, 2015, p. 178).

A pesquisa autoetnográfica durante o estágio profissional

A autoetnografia constitui uma abordagem metodológica que sustenta a realização de minha pesquisa. Segundo André (1995), este tipo de abordagem não envolve a manipulação de variáveis, nem tratamento experimental. Além disso, não se concebe a realidade em unidades passíveis de serem mensuradas e estudadas isoladamente, como acontece em pesquisas quantitativas (André, 1995).

Para discutir minha experiência como guia-intérprete em sala de aula, relatei episódios ocorridos em minha vivência de estágio durante a graduação em Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação, recorrendo a memórias do meu trabalho de interpretação em Libras tátil junto a um estudante com surdocegueira. O meu relatório de estágio também constitui em uma importante ferramenta de análise que fornece minhas percepções, em detalhes, de tudo o que vivenciei durante a prática de estágio. Assim, considerei ser coerente seguir pela via de direcionar o meu olhar na experiência interpretativa que vivenciei como guia-intérprete no contexto educacional.

É importante situar que essa experiência aconteceu em uma instituição educacional pública da Grande Vitória, no estado do Espírito Santo. Nela onde atuei, em dupla com uma colega também em estágio, para tornar acessível as interações em sala de aula para um estudante com surdocegueira adquirida matriculado em um curso técnico-profissional. Por ser falante da Libras desde antes de se tornar surdocegos e por ainda ter resquícios do sentido da visão, esse estudante tem acessado à interpretação das interações em sala de aula de

duas formas: (i) interpretação para Libras em campo reduzido, exigindo que seus guia-intérpretes se posicionem bem perto para que ele possa enxergar o que é interpretado; e (ii) interpretação para Libras tátil, especialmente quando a iluminação do ambiente não colabora para que o estudante recorra aos seus resquícios visuais.

A experiência de guia-interpretação no estágio

Para discutir minha experiência como guia-intérprete durante o estágio supervisionado em uma instituição de ensino pública, reuni o que chamo de cenas que permitem colocar em evidência situações que marcaram a minha prática durante o estágio supervisionado. Destaco, no quadro a seguir, uma cena que permite observar o momento em que foi preciso mudar a estratégia de interpretação junto ao estudante com surdocegueira.

Cena 1 - As estratégias de interpretação

Nosso terceiro encontro foi em 20/10. Era a primeira aula de Processos Industriais e o assunto trabalhado foi *fluxogramas*. A professora então apresentou, no quadro, um exemplo de um fluxograma sobre alguém que vende pipoca doce e pipoca salgada. Que resultados podem ser obtidos com esse fluxograma? Cada estudante teria que resolver o seu fluxograma no caderno. Nesse dia, minha dupla e eu ajudamos o aluno a fazer, foi nossa primeira prática junto dele. No segundo tempo, na aula de Risco Químico, foi realizado uma prova. A professora fez a prova usando o *data-show*, passando as questões e dando um tempo para os estudantes responderem. Ela poderia ter impresso uma prova para o estudante com surdocegueira, visto que a forma como foi feito dificultou bastante a interpretação e consequentemente para o estudante também.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nesse dia, uma de nossas estratégias de trabalho foi o desenho. Explicamos ao estudante com surdocegueira o que a professora estava solicitando aos estudantes, orientando-o a realizar o desenho de um fluxograma de acordo com o passo a passo que estava no quadro. O estudante com surdocegueira, então, começou a fazer o seu desenho, mas, durante a realização da atividade, percebi, nele, uma expressão de dúvida. Julguei que eu pudesse ter cometido alguns equívocos na interpretação tátil, porque me senti insegura quando passei a utilizar a mão para realizar, nela, sinais cujos pontos de articulação costumam ser na cabeça (uma estratégia comum quando se utiliza a língua de sinais na modalidade tátil). Nesse momento, lembrei quando Magalhães (2007) afirma que o objetivo final da interpretação é comunicar e que a comunicação é sempre um processo imperfeito. Considerando que as imperfeições fazem parte do processo de aperfeiçoamento da prática de interpretar, além da interpretação tátil, recorri ao *tablet* para mostrar figuras ampliadas ao estudante com surdocegueira, que passou a compreender melhor o que precisava ser feito na atividade.

Percebo que, a cada prática, aperfeiçoei minha atuação como guia-intérprete. Aos poucos, fui treinando e aprendendo a optar por uma construção gestual-tátil semelhante à modalidade gestual-visual, mas que fosse mais direta e objetiva. Fui percebendo que menos

era mais na construção de sentidos da modalidade tátil. No momento da prova projetada, tivemos que ter muita agilidade e usar todas as estratégias possíveis. Tínhamos um tempo específico para cada questão, então nos dividimos e cada uma ficou com uma função. Enquanto uma copiava as questões, a outra realizava a interpretação tátil e uma terceira colega auxiliava mostrando desenhos no *tablet* quando necessário.

Proporcionar à pessoa com surdocegueira condições que estimulem suas interações com o ambiente exige certo esforço e foi exatamente o que me propus na prática de estágio. Sobre isso, Maia (2004) explica que há mais facilidade em *fazer por* do que *fazer com* a pessoa com surdocegueira, o que exige mais tempo e esforço por parte de quem trabalha com ela. Isso corrobora a proposta de que a guia-interpretação educacional precisa ser adaptada às especificidades da pessoa com surdocegueira.

Cena 2 - A mudança de estratégia de interpretação

Nosso quinto encontro do estágio foi 10/11. Já havíamos iniciado o período de práticas sob orientação das intérpretes que atuavam em sala de aula com o estudante com surdocegueira. Nesse dia, a professora estava voltando de uma licença e foram realizadas apresentações de trabalho em grupo na aula da disciplina de Processos Industriais. O primeiro grupo falou sobre “Como o petróleo é formado” e, ao apagar as luzes para a projeção da apresentação, nos foi orientado que mudássemos a estratégia de interpretação de Libras em campo reduzido para Libras tátil. Nessa aula, eu e mais duas colegas revezamos a interpretação, em Libras tátil, do conteúdo explicado pelos estudantes sob o olhar criterioso da professora, que após apresentação fez considerações importantes e algumas reparações sobre a forma como a apresentação foi conduzida. Durante a nossa interpretação, era visível a participação do estudante com surdocegueira que nos dava retorno sobre sua compreensão e até fez uma observação ao final da apresentação dos colegas. No segundo tempo, foi feita a prova oral. A professora fez sorteios de quem responderia às perguntas. O estudante com surdocegueira foi o penúltimo sorteado e respondeu corretamente à pergunta que questionava sobre risco químico.

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Em nosso segundo dia de prática de estágio, estávamos empolgadas com as apresentações e um pouco nervosas também. Entretanto, como uma boa equipe, trabalhamos em parceria naquele dia. Iniciamos a aula usando como estratégia a interpretação para Libras em campo reduzido e, sempre que alguma de nós tinha dúvidas sobre a melhor escolha a ser feita durante a interpretação, dávamos um jeito de contextualizar para o estudante com surdocegueira o assunto e ele mesmo contribuía com uma sugestão de escolha tradutória caso soubesse. Quando as luzes se apagaram para a projeção dos slides, passávamos a sinalizar na modalidade tátil, utilizando também a datilologia tátil quando necessário. Uma outra estratégia foi sentar bem na frente da projeção, assim poderíamos apontar para as figuras na tela para tornar mais clara nossa sinalização. As apresentações foram acontecendo e o estudante se mostrou inteirado sobre o assunto e mais uma vez fez considerações ao final das apresentações.

Em um segundo momento, durante uma prova oral, o estudante respondeu de forma precisa e consistente a pergunta sobre risco químico e ainda citou exemplos. Essa autonomia

demonstrada por ele em responder questões em sua própria língua, compreender o assunto ministrado em sala e interagir na aula com segurança é possibilitada pela disponibilização da acessibilidade nesse contexto. Entendo, assim, que a inclusão de uma pessoa com surdocegueira se dá através de um conjunto de ações pensadas, articuladas e planejadas que possibilitem a ele autonomia e acessibilidade.

Conclusões

Em meu trabalho, explorei as compreensões de surdocegueira, língua de sinais tátil e guia-interpretação, objetivando discutir a minha experiência de guia-interpretação vivenciada durante um estágio supervisionado em Tradução e Interpretação no contexto educacional. Assim, por meio de uma pesquisa autoetnográfica, apresentei relatos de minhas memórias de interpretação tátil neste cenário.

Como uma guia-intérprete em formação que fez uso da memória e precisou revisitar sua atuação, percebo que estive de forma ativa no processo de interpretação em Libras tátil. Entendi que se a interação social é um grande motivador da comunicação, a pessoa com surdocegueira necessita de um profissional qualificado que possa lhe garantir qualquer forma de comunicação. Deste modo, essa pessoa tem possibilidades de desenvolvimento pessoal e social, conectando-o a realidade que o rodeia e proporcionando-lhe comunicação e mobilidade. Percebi, em minha prática, o quanto a variedade de possibilidades que auxiliam pessoas com surdocegueira na compreensão do conteúdo exposto em sala de aula, somadas a uma formação profissional são vantajosas aos seus processos de aprendizagem. Destaco também a importância da realização da prática de guia-intepretação em equipe, de modo que com minhas colegas, pude contribuir e receber apoio nos processos de interpretação.

Desse modo, argumento que as impressões relatadas aqui podem provocar novas discussões e estudos em torno da prática de guia-interpretação no contexto educacional. Dessa forma, acredito que seja possível desenvolver outras linhas de pesquisas que podem contribuir com novas políticas voltadas para a inclusão de pessoas com surdocegueira. Assim, considero possível o desenvolvimento de outros projetos, voltados para a formação de guia-intérpretes educacionais.

Referências

ALMEIDA, W. G. **O guia-intérprete e a inclusão da pessoa com surdocegueira**. 2015. 187 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

FARIAS, S. S. **Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica**. 2015. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

MAIA, S. R. **A educação do surdocego**: diretrizes básicas para pessoas não especializadas. Dissertação (Mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento) – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2004.

MAGALHÃES, E. **Sua majestade, o intérprete**: o fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

MONTEIRO, V. A. V. **Formas de comunicação de pessoas com surdocegueira**. 2023. 10 f. Relatório (Iniciação Científica) – Programa Institucional de Iniciação Científica, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2023.

PARTE III
ASPECTOS LINGUÍSTICOS E DE ATUAÇÃO DA TRADUÇÃO E DA INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS

RELATOS DE INTERPRETAÇÃO E TRADUÇÃO LIBRAS-PORTUGUÊS NO CONTEXTO EDUCACIONAL: O CURSO TÉCNICO DE FARMÁCIA

Thamyres Christina Lima dos Santos
Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana

Introdução

Muito se tem discutido acerca da promoção de uma educação inclusiva, deste modo este estudo tem como tema a interpretação e tradução no contexto de ensino técnico e farmacêutico. Discutiremos sobre o sujeito surdo e suas lutas, pois conquistaram a garantia de direitos que asseguram o acesso e permanência dele na educação, com profissionais que atendam suas necessidades comunicativas entre pessoas surdas brasileiras que se comunicam pela Língua Brasileira de Sinais – Libras – e pessoas ouvintes falantes da língua portuguesa, como por exemplo, o profissional Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira – TILPS. A partir desses progressos na promoção da educação que contemple a acessibilidade e legítima, compreendemos na Lei no 13.146, capítulo IV, que

> Art. 27. a educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (Brasil, 2015).

Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo demonstrar relatos de interpretação Libras-Português no contexto educacional com foco na área farmacêutica, que surgiu a partir da minha experiência profissional e da necessidade de abordar os desafios da interpretação em Libras nesta área.

Referencial teórico

O país tem como princípio fundamental que a educação é um direito de todos, a qual possui base na Constituição Federal de 1988, e deve ser acessível a todos, sem qualquer forma de discriminação, em ambos os níveis de ensino estipulados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) — a saber, educação básica e ensino superior — este estudo se dedica a analisar a dimensão da educação profissional.

No transcorrer das etapas da educação básica, que compreendem a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, encontra-se a quarta etapa: a educação profissional. Nesse estágio, o indivíduo busca a preparação necessária para exercer a profissão de sua escolha, tornando-se um cidadão apto a atuar no mercado de trabalho e na sociedade em

geral. No entanto, esta área educacional ainda possui grandes problemáticas, como a carência de profissionais especializados para atuarem com alunos surdos. Desta forma,

> O contexto atual da política educacional brasileira inclusiva (Brasil, 2001; 2008), incita a necessidade imediata de um grande número de profissionais para atuar como intérprete educacional - IE. Desta forma, este campo está em expansão e é necessária a produção de conhecimento (Albres, 2013, p.181).

Diante dessa perspectiva, é pertinente refletir sobre a grande responsabilidade do Tradutor e Intérprete de Libras na vida do cidadão surdo, cuja competência é essencial para sua eficaz inserção no mercado de trabalho. Como afirma Martins (2008, p. 99), “a relação entre o aluno surdo e o intérprete de língua de sinais durante o processo interpretativo é um ato de transmissão de conhecimento, fundamental para o aprendizado e o desejo de aprender”.

Uma vez que, o profissional técnico de farmácia desempenha uma função vital no campo da saúde, ele é o responsável por executar operações farmacotécnicas, verificar fórmulas, realizar a manutenção de equipamentos, utensílios de laboratório e rótulos de matérias-primas. Outrossim, atua em farmácias hospitalares, unidades básicas de saúde, farmácias comerciais, manipulação, produção e logística de produtos, entre outros setores. Entendemos, portanto, o quão fundamental é a atuação do intérprete no espaço educacional que faz a mediação comunicacional entre as partes, logo, defini-lo para além de um campo de atuação e abordá-lo em sua amplitude é considerá-lo como:

> [...] um profissional que possui técnicas e competências que possibilitam a compreensão do sentido de uma dada mensagem, em um determinado contexto, diluindo as barreiras de comunicação, língua e cultura, para aqueles que não alcançam as singularidades, a alteridade, as diásporas e as assimilações entre uma língua e outra, e entre uma pessoa e outra (Ringo, 2017 p. 78).

Portanto, enfatizamos a necessidade de que os tradutores e intérpretes de Libras tenham uma formação técnica sólida, que inclua a especialização em áreas específicas, garantindo que possam atender plenamente às necessidades dos alunos surdos em diversos contextos educacionais e profissionais.

Metodologia

Levando em consideração os aspectos relacionados à pesquisa, como o meio técnico, os sujeitos da pesquisa, juntamente com as situações diárias, apresentamos os procedimentos metodológicos que serão utilizados, e por se tratar de um estudo de caso, a metodologia adotada é a pesquisa qualitativa.

De acordo com Gil (2017), pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo fornecer respostas aos problemas que são propostos. A investigação científica depende de um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos (Gil, 1999, p. 26), para que seus objetivos sejam atingidos. Sendo assim, a abordagem escolhida foi qualitativa para a realização desta investigação, ao considerar que esta é o caminho adequado para se chegar a conhecimentos válidos. Tal conhecimento é originário de informações de pessoas diretamente vinculadas com a experiência estudada (Leopardi, 2001).

Análise de dados

No meu primeiro dia de integração no curso fui surpreendida pela dinâmica do professor, com a manhã dedicada à revisão de conteúdo e a tarde à aplicação de uma avaliação. A falta de conhecimento prévio sobre os temas abordados, somada à ausência de estratégias para lidar com desafios na interpretação, tornou esse dia desafiador, pois percebi que mesmo sendo proficiente na Libras, era necessário ter o conhecimento prévio do assunto abordado para realizar uma interpretação adequada.

No contexto das aulas presenciais diversos conteúdos foram oferecidos, abrangendo diversas disciplinas correlatas ao curso. No entanto, abordaremos a respeito da aula teórica de Homeopatia, que o professor discutiu a forma farmacêutica básica, com destaque para o estudo da Tintura Mãe (TM). A complexidade do conteúdo tornou desafiador o processo de interpretação em Libras, porém alcançamos o objetivo de fazer com que a estudante compreendesse as etapas do conteúdo apresentado, que era como a preparação da TM acontece: colheita de vegetais, cálculos de resíduo sólido e pesagem. A estudante enfrentou dificuldades, exigindo explicações repetidas e a aplicação de estratégias interpretativas alternativas para compreensão.

Devido a essa lacuna de conhecimento a estudante enfrentou certa dificuldade em compreender o cálculo da regra de três. Diante desse impasse, adotei uma abordagem que incluiu uma explicação passo a passo do processo, juntamente com a criação de um material visual na forma de um vídeo, utilizando a plataforma Canva. Esse material serviu como instrumento e foi estruturado integralmente a partir da atividade relacionada ao conteúdo apresentada pelo professor, que englobou todo o processo de elaboração da Tintura Mãe, incluindo os cálculos apresentados na lousa.

Nas aulas online em que a interpretação poderia ser realizada em meu local de preferência, não necessariamente precisava ir até a instituição, percebi o quão desafiador é a atuação da TILPS em configurações midiáticas de natureza educacional, pois a interpretação envolve gestos manuais, expressões faciais, movimento, direcionalidade, expressão corporal que requerem espaço, e essa limitação de espaço pode impactar tanto o

uso eficaz do canal de comunicação quanto a compreensão do público em relação às informações interpretadas.

Nas aulas ministradas em laboratório, a teoria foi traduzida em experiência prática, servindo como elo crucial entre o conhecimento teórico e sua aplicação. Entre as atividades realizadas, estão contemplados os procedimentos laboratoriais que abrangiam higiene, biossegurança, padronização e manipulação de medicamentos, foram detalhadamente explicados. Outrossim, foram abordados cálculos fundamentais, insumos farmacêuticos e a compreensão prática de veículos, princípios ativos e demais elementos do contexto.

Durante as aulas práticas surgiram termos técnicos sem equivalentes em Libras, levando à utilização da datilologia e, em alguns casos recorrentes, fazíamos acordos de sinais específicos para trazer os sentidos relacionados as temáticas. Além do conteúdo do laboratório, foram abordadas lacunas em matemática, com foco em conversões de unidades de medida, especialmente na medição de massa. A exploração das vidrarias e equipamentos laboratoriais, com elucidação dos termos técnicos, tornou acessível o entendimento prático sobre a conversão de medidas de capacidade e volume. O uso direto dos equipamentos proporcionou uma compreensão mais profunda da estudante sobre o tema, facilitando a absorção do conteúdo de forma eficaz.

E, ainda, durante as aulas de estágio obrigatório no ambiente hospitalar, a estudante demonstrou notável capacidade de assimilar os complexos processos e a dinâmica específica do hospital, pois a integração entre aprendizado prático e aulas teóricas permitiu que ela entendesse não apenas os processos operacionais, mas também o papel essencial do farmacêutico e do técnico de farmácia nas instalações hospitalares. Além disso, explorou os quatro espaços farmacêuticos no hospital in loco: Farmácia Central, Farmácia Satélite, Farmácia do Centro Cirúrgico e Farmácia da UTI. Essa experiência proporcionou uma compreensão aprofundada da logística e operações hospitalares, pois atrelou a prática com o aprendizado teórico e laboratorial. Portanto, tais relatos demonstram tamanha importância Intérprete Educacional – IE como mediador, que tem a responsabilidade em suas mãos de proporcionar a pessoa surda o acesso à informação e a educação, uma vez que, é ele o percurso do discurso entre as partes (docente, discente e ET).

Considerações

Por meio desta pesquisa, foi possível acompanhar a trajetória e o processo de ensino-aprendizagem de uma estudante surda ao longo de um ano do curso, proporcionando um panorama abrangente sobre a temática.

Adicionalmente, observamos a importância do conhecimento prévio, permitindo que intérpretes e tradutores de Libras se preparem e estudem terminologias e conceitos, a fim de oferecer um serviço mais eficaz ao seu público-alvo.

Em síntese, reconhecemos os consideráveis desafios envolvidos, no entanto, ressaltamos que a busca por uma inclusão justa persiste, destacando a necessidade premente de políticas públicas eficazes para assegurar a inclusão em todas as esferas.

Dessa maneira, a pesquisa desempenhou um papel significativo ao possibilitar o compartilhamento de experiências, práticas interpretativas e tradutórias. Permitiu-nos relatar os percursos trilhados, compreendendo a importância de o tradutor e intérprete de Libras dispor de um horário de planejamento destinado à pesquisa e estudo dos materiais a serem apresentados em sala de aula. Isso garante que, no momento da execução, o profissional contemple a pessoa surda com conhecimentos equivalentes aos que estão sendo transmitidos às pessoas ouvintes.

Adicionalmente, destacamos a relevância do material visual que foi elaborado para a estudante surda. Este material, efetivamente, transformou-se em uma ferramenta de estudo, esclarecimento e revisão do conteúdo apresentado pelo docente da disciplina.

Referências

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10/10/2023.

BRASIL. Lei no 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 04/09/2023.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei no 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 07/10/2023.

ALBRES, Neiva Aquino; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Interpretação educacional como campo de pesquisa: estudo bibliométrico e suas marcas no campo educacional. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 31, p. 180-204, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2013v1n31p179. Acesso em: 07/10/2023.

ALBRES, N. A.; RODRIGUES, C. H. As funções do intérprete educacional: entre práticas sociais e políticas educacionais. **Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso**, v. 13, p. 16-42, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acessado em: 22 julho de 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas.

MARTINS Vanessa Regina de Oliveira 2008 (dissertação) UNICAMP (1).pdf P, 99.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

POLÍTICAS DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO LIBRAS/PORTUGUÊS NO CAMPO DA SAÚDE NO MUNICÍPIO DA SERRA-ES

Juliana Tereza Correia Benà Zacché
Orientadora: Jeff Jeffa Moreira Santana

Introdução

O presente trabalho surge a partir da elaboração do projeto de extensão “MAIS LIBRAS: democracia e cidadania”. Ele foi desenvolvido durante a disciplina de Análise do Discurso. Tal projeto visou identificar como ocorrem os processos de atendimento do município da Serra-ES nos contextos das unidades de saúde, especificamente para as pessoas surdas, visto que há uma lacuna, a qual precisa ser preenchida para que o acesso linguístico seja garantido.

O foco dado a este estudo é estimulado pela necessidade de se pensar de que forma a comunidade surda que utiliza a língua brasileira de sinais são atendidas em contextos da saúde. Diante de um cenário onde podemos perceber que não há o cumprimento da legislação em vigor, percebe-se a necessidade de uma pesquisa a fim de identificar como ocorrem os atendimentos e como se dá a política de acesso linguístico.

A pesquisa tem, como objetivo geral, identificar e descrever como ocorre a acessibilidade linguística para a população surda na área de saúde, nos postos de saúde do município da Serra-ES.

Fundamentação teórica

Estar no âmbito das pessoas com deficiência implica numa mudança nos paradigmas. No caso da pessoa surda, as mudanças ocorrem quando são acolhidos em suas particularidades. Cabe às entidades governamentais disponibilizar recursos para que a concretização da integração social possa ocorrer de verdade. O presente artigo toma como uma de suas bases teóricas a legislação vigente, então destaca-se aqui, a importância do Art. 3o da Lei Federal no 10.436/02, descrito a seguir:

> As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Outra base teórica utilizada para a realização dessa pesquisa é o trabalho de Queiroz (2011), que afirma que os estudos da interpretação comunitária no contexto médico e o contexto de saúde é um campo de pesquisa escasso no Brasil. Cotidianamente, o Sistema Único de Saúde (SUS) atende diversas pessoas surdas com variados diagnósticos, que

abrange desde tratamentos mais complexos até consultas simples, inexistindo qualquer atendimento de interpretação em sua língua materna nesses espaços públicos, e muitas vezes quando há a presença do intérprete, este foi providenciado pelo próprio paciente. Segundo Queiroz (2011), a figura do intérprete pode ser definida como um mediador bilíngue, que pode ser alguém da família, um amigo, e em muitos casos até mesmo crianças, o que pode ocorrer uma falha de interpretação ou até mesmo causar prejuízo ao paciente, pois não há um treinamento adequado. o mais apropriado para esses casos seria o intérprete comunitário, que de acordo com a pesquisa de Queiroz (2011) é uma das modalidades mais antigas de interpretação e que seu objetivo é promover a comunicação entre pessoas que não dominam a língua local e os profissionais da área da saúde. Tal fato ocorre para que se consiga que as pessoas surdas tenham um atendimento médico eficaz.

O presente artigo utiliza do mesmo modo da pesquisa de Santos e Veras (2020) no campo da Política de Tradução e Interpretação, em que afirmam que deve-se promover iniciativas para garantir a efetividade dos direitos linguísticos e que essa área de estudo deve estar articulada com políticas linguísticas e direitos linguísticos para que os obstáculos sejam minimizados. Outra pesquisa utilizada como referencial teórico, foi a dissertação de Jesus (2017) onde ele afirma que, o trabalho de interpretação deve estar voltado para questões sociais, culturais e políticas de uma realidade local em que seus integrantes compartilhem das mesmas experiências linguísticas e interpretativas, então ao contextualizar o estudo no município da Serra, destaca-se a relevância de compreender as demandas específicas dessa região, ressaltando a necessidade de ações locais para melhorar o acesso linguístico no contexto de saúde.

Metodologia

Para alcançar os objetivos, a pesquisa segue uma abordagem qualitativa, com foco especial na pesquisa de campo, de caráter exploratório-descritivo. Houve também pesquisas e entrevistas de pessoas e órgãos responsáveis pela assistência à saúde do município; assim como a entrevista com pessoas surdas que são residentes do município da Serra-ES. Além de análise de dados estatísticos do Censo do IBGE.

Resultados da Pesquisa e análise de dados

Com base nos estudos bibliográficos realizados pode-se ter uma base para a continuação da realização da pesquisa. No primeiro momento buscou-se identificar qual seria a demanda de falta de acessibilidade dos surdos, onde foi relatado sobre a necessidade de melhor atendimento médico com seu direito linguístico respeitado e ressaltou-se a importância da presença do intérprete para uma melhor compreensão, pois os mesmos dependiam do apoio da família e amigos para tal atendimento. Durante a entrevista foi perguntado se havia

o costume de utilizar os serviços públicos das unidades de saúde do município da Serra, e 77,8% dos entrevistados responderam que sim. Quando lhes foi perguntado sobre como é a comunicação com os profissionais de saúde, foi relatado que era necessário levar alguém da família, levar um intérprete e até mesmo a comunicação era de forma escrita e que muitas vezes não conseguiam entender a letra do médico e ficavam receosos de perguntar novamente. Outros questionamentos foram feitos, porém em certo momento foi pedido para relatar algum acontecimento negativo vivenciado no contexto de saúde em que foi Houveram relatos de um tratamento não adequado, em que um dos entrevistados usou a frase “Sim, médico me tratou como criança como se eu precisasse de acompanhante”. Outro relato foi sobre antes mesmo de entrar no consultório médico, pois os pacientes são chamados em voz alta na recepção e com isso a entrevistada surda precisava a todo momento se direcionar a recepcionista e perguntar se já havia chegado a sua vez.

Foram conduzidas outras entrevistas com profissionais de saúde, além do envio de e-mails para órgãos responsáveis da prefeitura, reuniões com Referência Técnica da Pessoa com Deficiência da secretaria de saúde do município da Serra, assim como a participação de reuniões do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência do município, cuja a presidenta é mãe de uma pessoa Surda e que enfrenta e já enfrentou diversos obstáculos e barreiras linguísticas. Foi possível também a realização de uma entrevista individual com a presidenta, para que fosse coletado seu relato pessoal, como mãe de Surdo. Após diversas reuniões e entrevistas realizadas percebeu-se que há muitos percalços a serem enfrentados e muita burocracia no desenvolvimento de uma possível solução a acessibilidade linguística para os surdos, o que gera longas esperas e prejuízos estes cidadãos usuários do serviço de saúde, que por vezes ficam desassistidos pelos órgãos públicos, não tendo seus direitos garantidos.

Conclusão

Percebe-se que a barreira da burocracia política impede que se avance na solução e na promoção da acessibilidade linguística para a população surda na área de saúde para que se possa garantir sua plena cidadania. Mesmo que a legislação brasileira tenha muitas normas sobre acessibilidades linguísticas, os recursos financeiros para a efetivação de tais leis não estão totalmente claras.

Durante toda a pesquisa, se teve a oportunidade de conhecer as demandas e angústias experienciadas por diversos surdos, e também saber como funciona o sistema de saúde do município da Serra-ES para esse público. Foram estudados alguns autores que desenvolveram pesquisas sobre o tema e se ter uma base para a formação de opinião sobre o assunto. Dito isso pôde-se perceber que o atendimento de saúde voltado para o público surdo no município da Serra-ES ainda demanda de mais atenção e necessita ser solucionado.

Referências

A estrutura da saúde na Serra. Acesso em 10 de agosto de 2023. Disponível em http://www4.serra.es.gov.br/site/pagina/a-estrutura-da-saude-na-serra.

CALVET, L.-J. **As políticas linguísticas**. Tradução: ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Acesso em 07 de agosto de 2023. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=424-cartilha-c&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192#:~:text=O%20prop%C3%B3sito%20da%20presente%20Conven%C3%A7%C3%A3o,respeito%20pela%20sua%20dignidade%20inerente.

Decreto no 5626. Acesso em 07 de Setembro de 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm.

Decreto no 7387. Acesso em 07 de Setembro de 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7387.htm.

IBGE. Acesso em 10 de agosto de 2023. Disponível em https://www.ibge.gov.br.

JESUS, R. B. **A interpretação médica para Surdo**: a atuação de Intérpretes de Libras em contextos de Saúde. 2015.

JESUS, Ringo Bez de. **"Ei, aquele é o intérprete de libras?"**: Atuação de intérpretes de libras no contexto da saúde / Ringo Bez de Jesus; orientadora, Audrei Gesser, 2017. 241 p.

LEI No 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002. Acesso em 07 de Setembro de 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm.

LEI No 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015. Acesso em 07 de Setembro de 2023. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.

MACKENZIE, Iain. Introdução: o que é política? In: MACKENZIE, Iain. **Política**: conceitos-chave em filosofia. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 9-26.

Portal dos Projetos. Projeto de Extensão no 188 - MAIS LIBRAS: democracia e cidadania. Acesso em 02 de Novembro de 2023. Disponível em https://projetos.ufes.br/#/projetos/188/informacoes.

QUEIROZ, M. **Interpretação Médica no Brasil**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SANTANA, Jefferson Bruno Moreira. **Políticas de tradução de textos literários para as línguas de sinais**: um diário de bordo do Brasil ao Paraguai, Uruguai e Argentina / Jefferson Bruno Moreira Santana ; orientador, Markus Joannes Weininger, 2021. 208 p.

Secretaria de Saúde da Serra. Prefeitura municipal da Serra. Acesso em 07 de Setembro de 2023. Disponível em http://www.serra.es.gov.br/secretaria/SESA.

WITCHS, Pedro Henrique. Tradução e interpretação de língua de sinais como política linguística para surdos. **Percursos Linguísticos**, Vitória, v. 9, n. 21, p. 133-144, 2019.

PARÂMETROS LINGUÍSTICOS DOS ASPECTOS FONOMORFOLÓGICOS DA GRAMÁTICA DE LÍNGUA DE SINAIS/LIBRAS E AS INTERFERÊNCIAS COMUNICATIVAS IMPACTADAS DURANTE O CONTEXTO PANDÊMICO DA COVID-19

Priscila Delfina de Souza Ribeiro
Orientadora: Flávia Medeiros Álvaro Machado

Introdução

Esta pesquisa tem como intuito refletir sobre a importância dos componentes fonomorfológicos gramaticais da língua de sinais em relação à compreensão das sentenças produzidas em língua de sinais. A intenção dessa pesquisa visa verificar e analisar as operações linguísticas de compreensão do surdo, durante uma interpretação simultânea, em relação às atribuições sintagmáticas, quando o mesmo tem o seu campo de visão reduzido, ou seja, sofre perdas de elementos linguísticos dos aspectos fonomorfológicos (expressões faciais), devido o uso da máscara contra o vírus da Covid-19. Segundo Quadros (2007), os marcadores não-manuais, as expressões faciais possuem grande importância para a compreensão das sentenças da comunicação dos surdos, durante a sinalização em língua de sinais, assim como também o uso dos *mouthings*[1]. Segundo os dados apresentados por Rodrigues e Medeiros (2016) os *mouthings* são marcadores não-manuais, realizados com os movimentos feitos pela boca durante a sinalização, onde estes contribuem para a compreensão, pois o uso destes marcadores tem como intenção a construção de sentidos e a desambiguação dos sinais. A pesquisa tem como metodologia uma pesquisa qualitativa, seguido de procedimentos como: recolhimento de dados recolhidos de surdos e tradutores-intérpretes; categorizar o uso das escolhas interpretativas durante a sinalização, “COM” e “SEM” a utilização das máscaras de proteção contra o coronavírus. O intuito hipotético é de constatar que a impossibilidade na visualização de elementos linguísticos interferem na compreensão dos usuários quando interpretado língua de sinais/ Libras.

Aporte teórico

A proposta desta pesquisa surgiu durante o período pandêmico da COVID-19 que foi vivenciado nos últimos anos, onde neste momento, houve-se, então, a criação de normas e leis com o intuito de diminuir o contágio da COVID-19. Dentre estas leis, encontramos a Lei de n.º 14.019/2020 que requisitava a utilização de máscaras de proteção facial em todos os ambientes públicos, com esta obrigatoriedade foi possível perceber o grau de dificuldade e os

[1] “Os *mouthings* são aqueles movimentos da boca, presentes nas línguas de sinais, derivados da pronúncia das línguas orais, um tipo de palavra visual.” (Boyes Braem Sutton-Spence, 2001; Rodrigues; Medeiros, 2016).

problemas comunicativos, enfrentados pela comunidade surda no Brasil, por conta das interferências comunicativas que eram causadas pela máscara de proteção facial.

Nessa perspectiva, esta pesquisa trará uma abordagem teórica sobre as línguas de sinais/ libras em relação aos parâmetros linguísticos, dos aspectos fonomorfológicos da gramática das línguas gestuais. Com olhar voltado para a importância do uso das expressões faciais, os marcadores não-manuais[2] e a utilização da articulação *mouthing* durante a sinalização em língua de sinais, essa pesquisa trará dados científicos que buscará evidenciar as interferências comunicativas vivenciadas pela comunidade surda durante o período pandêmico e a importância desses elementos gramaticais para a compreensão da língua de sinais. Desta forma na pesquisa produzida será abordado temáticas como os parâmetros linguísticos das línguas de sinais: Configuração de Mão (CM), Movimento (M), Ponto de Articulação (PA), Orientação de Mão (OR) e as Expressões Faciais e Corporais (EFC), questões sobre os marcadores não-manuais e o uso de *mouthings* durante a sinalização tendo em vista que estes são articulações labiais realizadas com a sinalização e estes possuem uma infinidade de características que colaboram com a compreensão dos significados e desambiguação dos conceitos, os *mouthings* tornam os sentidos e significados pretendidos mais específicos durante as enunciações.

Segundo Leonel (2019, p. 26) as articulações labiais *mouthings* são elementos essenciais na modalidade gesto-visual para distinguir as palavras, expressões e termos, contribuindo com o sentido. E para abordar estes assuntos está pesquisa se baseará em materiais científicos nas áreas dos Estudos Linguísticos, Estudos da Tradução (ET) e Estudos da Interpretação (EI) com foco nas línguas de sinais, utilizando embasamentos teóricos e referenciais de materiais de autores como: Rodrigues (2013-2016), Medeiros (2016), Machado (2017-2020), Quadros e Karnopp (2004), Pegô (2013), Santos (2020-2021) entre outros pesquisadores e autores da área.

Metodologia aplicada

Em busca de comprovar as hipóteses levantadas nesta pesquisa e recolher os dados necessários, para garantir as análises descritivas do uso da língua de sinais, foi realizada uma pesquisa Qualitativa, onde primeiramente houve-se a busca de referenciais teóricos para esta pesquisa, por meio de consultas em textos da área dos Estudos Linguísticos e das áreas dos estudos da Tradução e da Interpretação. No segundo momento, foi realizada a elaboração das perguntas a serem aplicadas durante o experimento da pesquisa. No terceiro momento foi criado um questionário na plataforma do *Google* Formulários, com 17 perguntas objetivas,

[2] Marcadores não-manuais: Na literatura é possível encontrar a expressão "não manuais" sem a utilização de hífen e "não-manuais" com a utilização de hífen (-). Nesta pesquisa, será registrado com hífen, segundo as normas gramaticais. (Nota da autora 2023).

divididas da seguinte forma: (1) Grupo característico dos participantes: surdos ou ouvintes; (2) Grau de formação e escolaridade; (3) Idade que aprendeu a língua de sinais; (4) Importância das expressões faciais durante a sinalização; (5) Houve alguma dificuldade na compreensão dos significados, conceitos ou sentenças durante o período pandêmico com o uso de máscaras pelos TILSP; (6) Realização de sentenças utilizando máscara de proteção durante a sinalização e (7) Realização de sentenças sinalizadas sem a utilização de máscara de proteção e com expressões faciais, marcadores não-manuais, e as articulações labiais *mouthings* presentes e visíveis durante toda a sinalização TILSP.

Resultados e análises de dados

O questionário foi encaminhado para surdos (usuários de Libras) e ouvintes (membros da comunidade surda), com o propósito de identificar o nível de compreensão da leitura orofacial dos surdos e ouvintes em relação a cada sentença sinalizada.

Em um segundo momento da foi realizada uma experiência onde uma TILSP realizava a sinalização de uma sentença COM e SEM o uso de máscara, com o intuito de mostrar a compreensão dos enunciados sinalizados e as perdas sofridas ao ter interferências comunicativas durante a sinalização, assim como também visando destacar a importância da utilização destes componentes linguísticos na sinalização dos enunciados em língua de sinais.

Quadro 1: Sinalizações de sentenças COM e SEM o uso de máscara e respectivas respostas dos participantes ao visualizarem as sentenças sinalizadas.

Sentença 1a - COM Máscara e SEM a presença das EFC, MNM e *mouthings*	
Sentença controlada: O intérprete **já** leu e estudou o **Julgamento.**	
Sentença 1b - SEM máscara e COM a presença das EFC, MNM e *mouthing*	
Sentença controlada: O intérprete **já** leu e estudou o **Julgamento.**	

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No quadro 1 apresenta-se parte dos dados recolhidos durante a experiência e destaca as alternativas escolhidas pelos participantes ao visualizarem a sinalização das sentenças e demarcarem a opção que condiz com a sua compreensão da sinalização, neste quadro é

possível ver a diferença na compreensão da sentença ao ter presente as expressões faciais, os marcadores não-manuais e a realização da articulação mouthings durante a sinalização. Nesta sentença se possui sinais polissêmicos com sinais que podem ter diferentes significados e sentidos como foi demarcado: O intérprete já leu e estudou o Julgamento. É possível ver nestes dados a diferença na compreensão dos participantes ao ter interferências na comunicação e quando não há impedimento na visualização de componentes como: expressões faciais e o uso da articulação labial mouthing fazendo com que houvesse uma desambiguação e especificação do significado da sentença sinalizada com a desambiguação dos termos já e Julgamento, pois ambos possuem sinais ambíguos e polissêmicos que possuem diversos significados na língua de sinais e a articulação labial destes fizeram com que 75% dos participantes compreendessem claramente o real sentido em que era pretendido na sentença e marcarem então a opção em que era pretendida durante a sinalização da sentença.

Considerações

Por fim, os dados coletados e as análises realizadas nesta pesquisa, destacaram as dificuldades vivenciadas pela comunidade surda durante o período pandémico da COVID- 19 e revelaram a importância de se ter presente as expressões faciais (Exf), marcadores não-manuais (MNM) e o uso da articulação labial mouthings para a compreensão e processamento cognitivo dos enunciados interpretados para língua de sinais. Segundo Machado (2017) a compreensão e o entendimento da língua de sinais são captadas por meio das experiências visuais do surdo.

Desta forma esta pesquisa científica traz contribuições importantíssimas para a área dos estudos acerca das línguas de sinais, colaborando no aumento de produções científicas nas áreas de tradução e interpretação de língua de sinais e auxiliando na formação de TILSP, ressalta-se aqui que é necessário que se tenha novas pesquisas sobre esta temática para ser possível se ter mais dados científicos sobre o uso destes elementos linguísticos na língua de sinais, então a autora destaca aqui o desejo de produzir outras pesquisas com aprofundamento desta temática com o intuito de contribuir com a área dos estudos linguísticos e colaborar com os avanços comunicativos da comunidade surda, assim como auxiliar na formação de profissionais da área e suas estratégias de atuação junto a comunidade surda.

Referências

BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sing Language**. Tese de doutorado (filosofia), Boston University, 1996.

BRASIL. Lei n.° 14.019, de 2 de julho de 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14019.htm. Acesso em: 17/06/2022.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1995.

COTOVICZ, M.; STEIECHEN, E. M.; ANTOSZCZYSZEN, S. Libras: algumas reflexões sobre a sintaxe. **Revista Odisseia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 16-35, Jan/Jun. 18 dez. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/12613#:~:text=A%20pesquisa%20apoia%2Dse%20nos,desta%20outras%20ordena%C3%A7%C3%B5es%20sint%C3%A1ticas%20s%C3%A3o. Acesso em: 17/06/2022.

FELIPE, Tanya A. O discurso verbo-visual na língua brasileira de sinais-Libras. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso**. v. 8 n.2. São Paulo. 2013. p. 67–89. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/14141. Acesso em: 25/02/2023.

FERNANDES, E. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre. Editora Artmed, 2003.

FERREIRA, Flancieni A. R. A morfologia em libras. In: **XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. Universidade do estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2014, p. 317-324. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/07/023.pdf. Acesso em: 25/02/2023.

LEONEL, Deise cléia. **A articulação labial (*mouthing*) como estratégia de diferenciação de sinais e construção de significados**. 2019. 63 F. TCC-Graduação Letras-Libras bacharelado. Centro de Comunicação e Expressão (CCE/UFSC). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227444. Acesso em: 17/06/2022.

MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. **Conceitos Abstratos**: escolhas interpretativas de português para Libras. 2a Ed. Appris, 2017.

MACHADO, Flávia. Medeiros Álvaro. A constituição do significado na linguística cognitiva In: **Estudos linguísticos**: abordagens e análises interdisciplinares. Vitória - Espírito

SANTO. 2020. p. 59-77.

PAULA, Fabio C; TAKAHIRA, Aline G. R. Mapeando expressões não-manuais boca na libras: descrição e formas de anotação. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, agosto- dezembro. 2020. p. 159-183. Disponível em: https://www.linguisticario.letras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/revista_lingui%CC%81stica_rio_-_v._6_n._2_-_ago._dez._2020-159-183.pdf. Acesso em: 25/02/2023.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais não-manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais**: um estudo do morfema-boca. 2013. 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/13303. Acesso em: 25/02/2023.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua Brasileira de sinais**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea entre línguas e modalidades. **Veredas atemática**, v. 17, no 2. Juiz de Fora. 2013. p. 266-286. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xviii_cnlf/cnlf/07/023.pdf. Acesso em: 25/02/2023.

RODRIGUES, C. H. Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa. **Revista da Anpoll**, Florianópolis, v.1, n. 44, p. 111-129, Jan/Abr.2018. Disponível em: https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1146/940. Acesso em: 17/06/2022.

RODRIGUES, C. H; MEDEIROS, D. V. O uso de *mouthings* na interpretação simultânea para a língua brasileira de sinais. In: V Congresso Nacional de pesquisa em tradução e interpretação de línguas de sinais brasileira. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2016. p. 1-15. Disponível em: https://www.congressotils.com.br/anais/2016/3604.pdf. Acesso em: 17/06/2022.

SANTOS, H. R. Traços categorizadores na derivação de pares de nomes verbos em libras. **Scripta**, v. 24, n. 51. 2020. p. 488-513. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/23125. Acesso em: 25/02/2023.

SANTOS, H. R. Traços não manuais de eventualidades em libras. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 72, p. 126–148, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/46602. Acesso em: 25/02/2023.

SILVA, L. D.; DIAS, L. G.; MACHADO, Flávia Medeiros Álvaro. O processamento Cognitivo do Surdo. In: FERNANDES. L. A.; MARQUES-SANTOS, L. F. (Orgs.). **Cenários atuais dos estudos linguísticos da Libras**. 1. ed. Tutóia/MA: Diálogos, 2021. v. 1. p. 141-165. Disponível em: https://www.academia.edu/72362154/Cen%C3%A1rios_atuais_dos_estudos_lingu%C3%ADsticos_da_Libras. Acesso em: 17/06/2022.

ATUAÇÃO DO TILSP NO ENSINO SUPERIOR: A LINGUAGEM ACADÊMICA E SUAS BARREIRAS

Renata Silva dos Santos
Orientadora: Flávia Medeiros Álvaro Machado

Introdução

Este subprojeto de pesquisa tem como tema a “Atuação do TILSP no Ensino Superior: A Linguagem Acadêmica e suas Barreiras” e está intrinsecamente atrelado às pesquisas do Grupo de Estudos/Pesquisas LingCognit: (Língua)gem & Cognição: escolhas tradutória e interpretativas coordenado pela Profa. Dra. Flávia Medeiros Álvaro Machado. A proposta do tema tem como base teórica os Estudos Linguísticos com interface na interpretação simultânea em relação ao uso da língua, sob reflexões e desdobramentos possíveis, que foram desenvolvidos nesta pesquisa.

A presente pesquisa tem como objeto observar a atuação do Tradutor e Intérprete de Libras/Português (TILSP) nos cursos de nível superior (graduação, pós-graduação, mestrado ou doutorado), em instituições públicas e privadas. Objetiva analisar se o TILSP consegue ou não lidar com a linguagem acadêmica-científica estabelecida em sala de aula pelo processo de ensino-aprendizagem entre aluno, TILSP e o professor, ou seja, quais são as escolhas tradutórias/interpretativas em relação às terminologias e diversos conteúdos abordados. Identificar as estratégias usadas para auxiliar as escolhas do TILSP encontradas nos conteúdos ministrados, bem como às expressões técnicas encontradas no contexto educacional com o alto registro de uma linguagem especializada. O arcabouço teórico foram os pesquisadores que investigaram sobre escolhas interpretativas (Machado, 2017).

Seção de fundamentação teórica

A fundamentação teórica encontra-se no conhecimento prévio e das escolhas lexemáticas durante a tarefa da interpretação (Machado, 2017), os componentes psicofisiologísticos (Hurtado Albir, 2005) e os Modelos de esforços cognitivos (Gile, 1995), visto que a variedade de disciplinas nos cursos superiores exige um maior esforço físico e cognitivo do TILSP. A tarefa da atuação do TILSP no contexto universitário requer competências e habilidades a fim de mediar a comunicação entre surdos e ouvintes, conforme destacam Alves, Pagano e Hurtado Albir (2005). Nessa linha de raciocínio, compreendemos que toda a tarefa de uma tradução e/ou interpretação exige-se “[a] competência tradutória [que] *(sic)* é um conhecimento especializado, integrando por um conjunto de conhecimentos e habilidades, que singulariza o tradutor e o diferencia de outros falantes bilíngues não tradutores” (Hurtado Albir, 2005 apud Machado; Feltes, 2015, p. 242).

Outra questão defendida, para a busca de uma melhor atuação, é o recurso do "conhecimento prévio", de acordo com Freire (2009, p. 155), a ideia de *conhecimento prévio* é toda e qualquer informação adquirida ao longo da formação do tradutor/intérprete, é o que auxilia a compreender o discurso e o enunciado do locutor. Com isso, Freire (2009, p. 159-160) destaca os estudos da teoria dos modelos de esforços no processo da tarefa da interpretação simultânea (Gile, 1995), os quais são "indica que o processo de interpretação compreende três esforços, denominados: 1) esforço de audição e análise; 2) esforço de produção; e 3) esforço da memória de curto prazo". Machado e Feltes (2015) destacam que para o TILPS lidar com esse giro rápido do processamento mental, ou seja, ouvir, analisar, memorizar e produzir, é preciso que os TILSP dominam a língua de partida para a língua de chegada, e mantenham-se em constante formação continuada para aperfeiçoar o ritmo processual, tornando gradativamente mais ágil e seguro suas escolhas tradutórias e interpretativas.

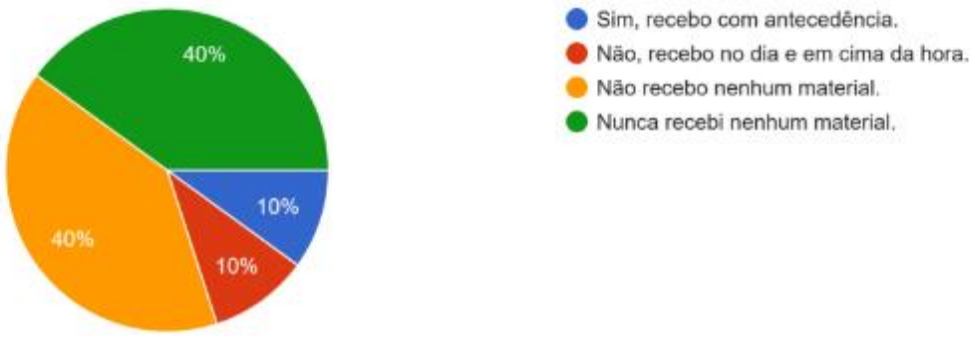
Seção metodológica

Seguiu-se nesta pesquisa o método quantitativo, com a elaboração de um questionário online para a obtenção dos dados para as análises. O questionário foi criado no *Google Forms* e foi organizado com 17 perguntas, sendo 12 questões de múltipla escolha e 5 questões dissertativas, nas quais o participante teve a liberdade de acrescentar alguma informação que julgasse relevante para a pesquisa. As perguntas seguiram uma ideia de identificar o perfil do TILSP, e também questões que direcionassem a identificação das dificuldades encontradas por TILSP durante o exercício da profissão. Após elaborar o questionário, o *link* do formulário mesmo foi encaminhado por meio de *e-mails* e via *whatsapp* da pesquisadora, e assim obter um quantitativo significativo para a análise dos dados da pesquisa, e que serão à base de comprovação dos resultados que se destacam nos objetivos desta pesquisa.

Seção de discussão de resultados ou análise de dados

Com isso, os TILSP estão em constante contato com a linguagem acadêmica-científica, em teor de extrema formalidade, por essa razão o TILSP sente dificuldade para interpretar neste contexto. Outro fator que dificulta a atuação é a falta do recebimento antecipado de materiais de apoio para o estudo prévio, como revela o Gráfico 01:

Gráfico 01: “Recebimento com antecedência de materiais (Textos, roteiros da aula, resumos...) de apoio das aulas que serão ministradas”

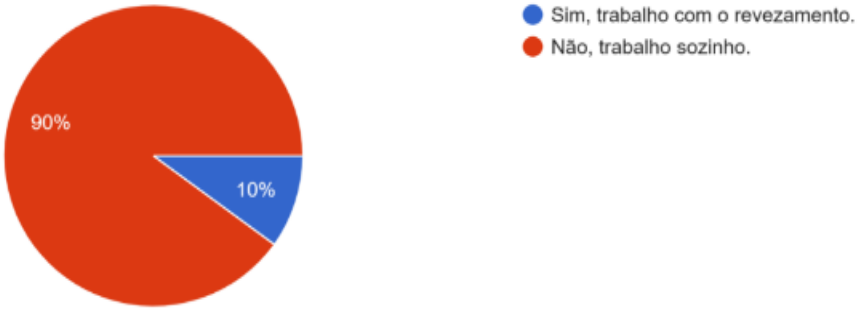


Fonte: elaborado pela autora.

O Gráfico 01 questiona aos TILS se há recebimento com antecedência de materiais (textos, roteiros de aula, resumos...) de apoio das aulas que serão ministradas. A resposta foi cerca de 40% alegam não receber nenhum material, outros 40% nunca receberam nenhum material, e com apenas 10% recebem o material no dia ou em cima da hora, e por fim, outros 10% restante já receberam algum material para estudo prévio da interpretação simultânea em sala de aula no ensino superior. A discussão revela a problemática que ainda se encontra para o TILSP se apropriar do conhecimento prévio como um suporte de planejamento que antecede a tarefa da interpretação simultânea e que garante uma qualidade na prestação dos serviços.

No Gráfico 02 a seguir, apresenta-se os dados coletados da “presença do intérprete de apoio na interpretação simultânea:

Gráfico 02: “Presença do intérprete de apoio na interpretação simultânea”

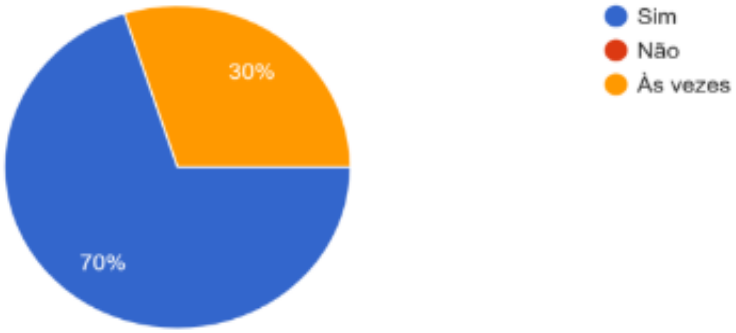


Fonte: elaborado pela autora.

É possível observar que no Gráfico 02, a totalidade de 90% dos participantes responderam que há a ausência do intérprete de apoio em sala de aula e apenas 10% responderam que trabalham com o revezamento. Para Machado (2017), o TILSP de apoio, assume um papel fundamental no processo de interpretação simultânea, este tem por

finalidade contribuir com o auxílio de sinais-manuais, com esclarecimento de terminologias, explicação de conceitos. O TILSP de observação/registro tem a liberdade de fazer consultas prévias, a fim de para assessorar em outro momento que surgir a necessidade daquela terminologia especializada, e cabe a ele a importante tarefa de fazer o revezamento, em um intervalo de tempo de atuação pré-estabelecido. No Gráfico 03, trata-se da dificuldade dos TILSPs devido à linguagem acadêmica:

Gráfico 03: “Dificuldade de interpretar nos cursos de nível Superior devido à Linguagem Acadêmica”



Fonte: elaborado pela autora.

Os TILSP, no Gráfico 03, registraram que 70% sentem dificuldades de interpretar em cursos de nível superior devido à linguagem acadêmica, em contrapartida, cerca de 30% responderam que "às vezes" sentem dificuldades com a linguagem acadêmica no ensino superior, e nenhum TILSP informou que “não sentem” dificuldades de interpretar simultaneamente no ensino superior.

Discussão e análises dos resultados dissertativos

Foi pedido aos participantes para descrever em quais cursos de graduação eles já atuaram como TILSP, os participantes responderam na grande maioria o curso de pedagogia, artes e educação física, porém tivemos um participante que atuou como TILSP em 11 cursos, tais como: pedagogia, história, letras, biologia, artes, educação física, fotografia, gastronomia, direito e administração. Observa-se que o TILSP transita em diferentes campos do saber, que vão das ciências humanas até as ciências exatas. Ou seja, fica evidente que o TILSP não precisa dominar todas as áreas do conhecimento, mas é necessário para dar conta do uso da linguagem acadêmica-científica, o TILSP ter acesso ao conhecimento prévio do conteúdo a ser apresentado. Os participantes informaram recorrer ao empréstimo linguístico da língua de partida (língua portuguesa), solicitar explicação ao professor regente e além destas estratégias, foi acrescentado por outros participantes que também recorrem à classificadores,

recursos visuais, construção de sinais combinados por parte do sujeito surdo, e outros instrumentos que habilitem a real comunicação entre surdos e ouvintes, e vice-versa.

Conclusões

Considera-se que a linguagem é uma das principais causas dessa dificuldade do TILSP, devido ao alto registro de terminologias específicas, e por estarem constantemente transitando em diferentes áreas do conhecimento, o TILSP não domina todos os campos do saber, mas com uma formação de tradução e interpretação, o mesmo executará os componentes psicofisiológicos (Hurtado Albir, 2005), bem como do protocolo do planejamento paralelo ao conhecimento prévio do conteúdo que lhe permitirá refinar suas escolhas tradutórias e/ou interpretativas (Machado, 2017).

Desta forma, ainda se considera que todo o TILSP quando se apropriar das estratégias linguísticas e tradutórias, ele terá recursos que contribuem para um bom desempenho da interpretação simultânea em qualquer contexto. Para tal, firmamos o que Machado (2017) defende, com a experiência, a formação continuada para aprimoramento das estratégias interpretativas e aquisição de repertório linguístico, a presença de TILSP de apoio (mínimo), irá realizar o revezamento (Moser, 1999). Assim, de acordo com Gile (1995) e Machado (2017) evitará uma sobrecarga cognitiva do TILSP em curto tempo, visto que boa parte dos TILSP atuam mais de seis horas por dia como apresentado nos resultados desta pesquisa. Esta pesquisa, mesmo que inicial, auxilia a identificar os pontos que são negligenciados e que afetam significativamente a atuação do TILSP. Com isso, reforçamos que cabe ao Poder Público determinar que os gestores de Instituições do Ensino Superior contratem no mínimo 2 TILS para mediar a comunicação no âmbito biodocência. E evidencia, cada vez mais, a necessidade de fomentar a formação especializada de TILSP para o mercado de trabalho, seja para atuar no contexto comunitário e/ou de conferência.

Referências

ALVES. F.; MAGALHÃES. C.; PAGANO. A.; Amparo HURTADO. A. **Competência em tradução**: cognição e discurso. 1. ed. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2005.

FREIRE. E. L. Teoria interpretativa da tradução e teoria dos modelos dos esforços na interpretação: proposições fundamentais e inter-relações. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, 2009. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2008v2n22p151. Acesso: 28-03-2023.

MACHADO, F. M. A; FELTES, H. P. M. A interpretação simultânea no contexto político. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. especial 2, p. 236-268, jul-dez, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5007/2175-7968.2015v35nesp2p236. Acesso:18-02-2023.

RODRIGUES. C. H. **A interpretação para a língua de sinais brasileira**: efeitos de Modalidade e Processos Inferenciais. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2013.

PARTE IV
ASPECTOS DA FORMAÇÃO PARA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM CONTEXTOS COMUNITÁRIOS

ESTUDOS SOBRE O USO DE LÍNGUAS DE SINAIS POR PESSOAS OUVINTES COM AUTISMO

Bárbara Eloah Lopes
Orientador: Pedro Henrique Witchs

Introdução

Com um extenso território de análise, os estudos linguísticos discutem, entre outras questões que envolve o uso da língua e as formas de comunicação, os principais propósitos da linguagem, independente de qual seja a língua em foco. Nesse âmbito, as línguas de sinais estão diretamente relacionadas com as comunidades de pessoas surdas, que também incluem pessoas ouvintes próximas às pessoas surdas que compõem essas comunidades como tradutores, intérpretes, professores, amigos e familiares. Por serem línguas naturais, as línguas de sinais podem ser faladas por qualquer grupo social, independentemente de ser formado por pessoas surdas ou não.

Reconhecendo o uso de línguas como uma prática social (Moita Lopes, 2006), observa-se que os estudos linguísticos das línguas de sinais estabelecem diálogo com outros ramos que evidenciam a capacidade do ser humano de experimentar vários processos de aprendizagem e comunicação, entre eles a aquisição de línguas. Desse modo, compreende se que a aquisição de línguas de sinais seja, então, prioritariamente voltada a pessoas que participam da comunidade surda. Entretanto, alguns indivíduos com atipicidades neurais, como o espectro autista, encontram, nas línguas de sinais, uma possibilidade linguística outra, que os possibilita se expressar e, assim como na comunidade surda, interagir com o mundo. Considerando isso, com este trabalho, objetiva-se realizar um levantamento de produções acadêmicas e científicas sobre o uso de língua de sinais por pessoas ouvintes que se encontram no espectro do autismo. Assim, por meio de uma pesquisa do tipo bibliográfica, foram selecionados artigos, capítulos, livros, trabalhos acadêmicos (teses, dissertações e monografias) a nível nacional e internacional, em função de uma revisão de literatura que permita explorar e sistematizar o conhecimento sobre o uso de línguas de sinais por pessoas com autismo.

Linguística aplicada, línguas de sinais e autismo

Este trabalho fundamenta-se em aspectos da Linguística Aplicada Indisciplinar, tendo, como aporte, as contribuições de Moita Lopes (2006), que reitera a fecundidade transdisciplinar dessa perspectiva para compreender questões sobre uso da linguagem. Assim, justifica-se o intercruzamento de estudos de diferentes áreas e campos do conhecimento que focalizam o uso de línguas de sinais por parte de pessoas com autismo.

A aprendizagem de línguas de sinais tem sido alvo de diversos estudos desde a segunda metade do século XX. Dentre os autores que tratam desse assunto, destacam-se Petitto (1987), Bellugi e Klima (1972), que contextualizam as concepções do uso da linguagem ao indivíduo surdo, apreendendo a modalidade gestual-visual da linguagem produzida por gestos desde os primeiros meses de vida. Considerando o contexto de pessoas ouvintes neuroatípicas caracterizadas como *não verbais*, o uso de uma língua de sinais tem sido identificado como um recurso alternativo ou suplementar para oportunizar a expressão e a interação.

Nesse caso, Lopes e Amato (2021) se destacam por explorarem as possibilidades do uso das línguas de sinais por pessoas neuroatípicas que se encontram no espectro autista, especialmente indivíduos ouvintes *não verbais*. Portanto, dado à emergência das pesquisas sobre esse assunto, procurou-se reconhecer as produções que envolveram pessoas com autismo e o uso das línguas de sinais.

A pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica tem sido caracterizada como um tipo de pesquisa que é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). Para realização deste trabalho, foi preciso definir uma pesquisa bibliográfica em torno de produções que exploram o uso de línguas de sinais por pessoas com autismo. Desse modo, de modo a possibilitar a sistematização do conhecimento sobre esse assunto, buscou-se por artigos, capítulos, livros, trabalhos acadêmicos (compreendidos por teses, dissertações e monografias) a nível nacional e internacional. A partir de buscas realizadas na plataforma *Google Acadêmico* pelos descritores “Língua de sinais” e “Autismo”, foram encontrados, inicialmente, 94 artigos, 18 capítulos, 28 livros e 91 trabalhos acadêmicos. Desse conjunto encontrado, foi preciso fazer uma análise preliminar que permitisse realizar um filtro que selecionasse apenas as produções que restringissem a discussão no intercruzamento entre autismo e línguas de sinais.

Com base nesse levantamento, organizou-se uma tabela na qual as produções foram categorizadas a partir das áreas e subáreas em que foram produzidas: Educação (Educação Inclusiva e Educação Especial), Saúde (Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Psicologia, Neuropsiquiatria, Neurologia), Linguística (Aquisição de Línguas, Neurolinguística e Linguística Cognitiva) e formação de profissionais da educação que trabalham diretamente com crianças autistas.

Aspectos sobre a produções selecionadas

Ao sistematizar as produções selecionadas, observou-se que, no contexto nacional, a Educação e a Saúde se destacam como áreas que mais produzem estudos voltados ao uso

de línguas de sinais por pessoas com autismo. Considerando a produção internacional que trata dessa relação entre autismo e línguas de sinais, identificou-se estudos linguísticos que evidenciam a importância do uso de línguas de sinais como possibilidade linguística para pessoas não surdas e que promovem um a motivação à inclusão de novos grupos sinalizantes, composto não exclusivamente de pessoas surdas, no movimento de fortalecimento de uma política de línguas de sinais (Bonvillian; Nelson; Rhyne, 1981). Com base nesse levantamento, destaco, no Quadro 1, a distribuição bibliométrica das produções por diferentes áreas. Destaco que uma mesma produção tendeu a ser enquadrada em mais de uma área, visto o caráter transdisciplinar evidente nas pesquisas que relacionam autismo e línguas de sinais.

Quadro 1 – Distribuição bibliométrica das produções selecionadas

Áreas	Artigos		Capítulos		Livros		Trabalhos acadêmicos					
							Monografias		Dissertações		Teses	
	Nac.	Inter.	Nac.	Inter.	Nac.	Inter.	Nac.	Inter.	Nac.	Inter.	Nac.	Inter.
Educação	14	18	8	-	8	-	10	-	5	6	2	6
Saúde	23	-	-	-	-	-	16	-	15	-	5	-
Linguística	9	16	4		5	-	-	-	5	-	5	-
Formação profissional	14	-	6	-	15	-	-	-	5	6	5	-
Total	60	34	18	0	28	0	26	0	30	12	17	6

Fonte: elaborado pela autora (2023).

É interessante destacar que muitos desses estudos posicionam as línguas de sinais como uma tecnologia assistiva para indivíduos que não possuem uma funcionalidade na comunicação vocal e/ou escrita, classificando-as, inclusive, como uma ferramenta de comunicação alternativa (FCA) (Silva, 2012). Contudo, é válido compreender que cada estudo parte de perspectivas de diferentes casos do espectro autista, o que dificulta a sistematização ou a padronização da abordagem que orienta o uso de línguas de sinais por parte das pessoas com autismo, sobretudo porque isso também implica a aceitação e colaboração de familiares para o estabelecimento do desenvolvimento linguístico, neurológico, cognitivo e psicológico desses indivíduos.

Assim, alguns métodos ou recursos são mencionados como forma de auxiliar a ampliação da oralidade de pessoas com autismo, mesmo que na modalidade gestual-visual. Portanto, as línguas de sinais são colocadas como possibilidades comunicativas alternativas, ao lado de pranchas de alfabeto, símbolos pictográficos, sistemas de voz sintetizados, dentre outras, que permitam interações que minimizem o estresse e potencializem o conforto para um convício social.

Embora sejam limitados os números de pesquisas que incluem as línguas de sinais a grupos não surdos, estes nos proporcionam entender quais as percepções concebidas de outros campos do conhecimento quanto ao uso e aos métodos de aquisição das línguas de

sinais por parte de pessoas com autismo. O maior número de estudos encontradas, no contexto nacional, concentrou a discussão em torno do uso de línguas de sinais por alunos surdos com autismo. Além disso, destaco a ocorrência de 39 produções que destacam a formação de profissionais que trabalham diretamente com alunos com autismo, como professores, pedagogos, psicopedagogos, professores bilíngues e tradutores intérpretes. A incidência de estudos de caso também chama a atenção na pesquisa, sobretudo se considerar que cada pessoa com autismo apresenta particularidades individuais em seu desenvolvimento, de modo que muitos trabalhos precisam desenvolver suas análises de maneira isolada.

Do mesmo modo que as pesquisas na área da Educação, as produções na área da Saúde também evidenciam um papel das línguas de sinais como um meio alternativo para o estabelecimento da comunicação entre pessoas com autismo e profissionais da fonoaudiologia, neurologia, psicologia, terapia ocupacional, entre outros. Ressalta-se, entretanto, que esses estudos, na maioria dos casos, não estão restritos a pessoas surdas ou ouvintes com autismo, mas colocam essa possibilidade para qualquer paciente ouvinte que apresenta um comportamento não verbal.

Considerações possíveis

A partir das reflexões possibilitadas pelos estudos levantados na pesquisa sobre o uso de línguas de sinais por pessoas ouvintes com autismo, foi possível compreender como a essas línguas se vincula a ideia de meio funcional de comunicação alternativa. Assim, observou-se que a área da Saúde se destaca na produção de estudos sobre línguas de sinais e grupos de pessoas neuroatípicas ouvintes, de modo que muitos desses estudos descrevem o autismo como uma patologia e as línguas de sinais como ferramenta de comunicação assistiva. Destaca-se também que o uso de línguas de sinais aparece frequentemente, nas produções, como um recurso suplementar à fala em casos de pessoas com autismo com dificuldades para a interação social.

É importante categorizar que cada produção se envolveu com casos distintos do espectro autista, evidenciando uma não padronização em métodos de aquisição das línguas de sinais para cada indivíduo. Por fim, a partir da pesquisa, é possível compreender que as línguas de sinais constituem uma potencialidade linguística não apenas para pessoas surdas, mas também para grupos neuroatípicos que podem se beneficiar do uso dessas línguas. Espera-se que este trabalho contribua para uma sistematização do conhecimento em torno do uso dessas línguas por parte de indivíduos que podem ser acolhidos em comunidades linguísticas sinalizantes.

Referências

BELLUGI & KLIMA, E. The Roots of Language in the Sign Talk of the Deaf. **Psychology Today**, v. 6, n. 11, 1972.

BONVILLIAN, J. D.; NELSON, K. E.; RHYNE, J. M. Sign language and autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 11, p. 125–137, 1981.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES, R. A.; AMATO, C. A. L. H. **Libras & Autismo**: um diálogo possível? São Paulo: Editora Dialética, 2021.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C. E.; ROCA, P. (Orgs.). **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11–24.

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronoums in American Sign Language. **Cognition**, v. 27, p. 1–52, 1987.

SALES, K. C.; ANTONIO, R. E. Introdução de libras em adolescente com autismo: relato de caso. **Revela**, v. 8, n. 17, 2014.

SILVA, A. B. B. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

AMBIENTE LINGUÍSTICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS: PERCEPÇÕES A PARTIR DO ESTÁGIO EM INTERPRETAÇÃO EDUCACIONAL

Daysis Siqueira Nienke Radaelli
Orientadora: Daniela Gomes Gumiero

Introdução

Este artigo é fruto das reflexões sobre as observações e interações desenvolvidas durante prática de estágio em tradução e interpretação de língua brasileira de sinais (Libras) e língua portuguesa em uma escola referência na educação de surdos da rede municipal de ensino de Vitória, como requisito para conclusão da graduação em Letras-Libras. A partir da perspectiva da Linguística Aplicada (LA) indisciplinar, tem por objetivo problematizar assuntos relacionados à comunicação nas duas línguas nesse ambiente linguístico inclusivo educacional, evidenciando a equipe bilíngue. A pesquisa qualitativa e de cunho autoetnográfico apresenta recortes recolhidos da análise de dois relatórios de estágios supervisionados. A descrição e análise das experiências possibilitaram a identificação de elementos que permitem reflexões sobre o trabalho de tradução e interpretação educacional, bem como sobre questões relacionadas à equipe de profissionais bilíngues que atuam na educação de surdos. Entende-se que problemas na composição dessa equipe pode acarretar obstáculos à circulação das línguas, ao ensino e à aprendizagem de alunos surdos.

Para melhor disposição das informações, este estudo foi organizado em seções. Na primeira seção apresento alguns documentos importantes para o contexto que evidencio, caracterizo o ambiente linguístico da escola referência, localizo e conceituo os profissionais diretamente ligados à educação de surdos. Na segunda seção apresento uma descrição das etapas metodológicas empreendidas na realização do estudo. Na terceira seção apresento recortes do relatório de estágio supervisionado obrigatório para a graduação em Letras-Libras bacharelado, analiso e discuto os dados obtidos. Na quarta seção apresento recortes do relatório de estágio supervisionado obrigatório para a graduação em Letras-Libras licenciatura, analiso e discuto os dados obtidos. Como considerações finais retomo partes principais do estudo e reforço a importância dos elementos que formam o ambiente linguístico inclusivo para surdos.

Apresento alguns documentos importantes para o contexto que evidencio

No estado do Espírito Santo não há escolas só para surdos, existem escolas inclusivas e bilíngues, ou seja, surdos e público majoritariamente ouvinte convivendo no mesmo ambiente linguístico educacional. O *locus* desta pesquisa é uma das escolas referência para matrícula de estudantes surdos do município de Vitória. Compreendendo um ambiente

linguístico favorável à educação de surdos nos moldes de Witchs e Zilio (2018), a importância dada às línguas envolvidas se faz necessária, mas não se limita a isso. É preciso considerar a constituição desse ambiente, o corpo docente e discente, as formas de ensino e aprendizagem baseadas em normativas, metodologias adotadas, e como todos esses elementos precisam ser relacionados ao contexto real, a novas identificações. O aporte teórico parte de reflexões de autores como Albres, Lacerda, Moita Lopes, Ono, Witchs e Zilio.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC em 2008 foi um dos documentos base para a criação do documento orientador municipal citado no parágrafo anterior. Dentre seus objetivos, acentua o acesso, a participação e a aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais em escolas regulares. Entende o movimento pela inclusão como uma ação política, cultural, social e pedagógica, que é desencadeada em defesa do direito de todos. Sobre esse assunto destaco um excerto:

> Para a inclusão dos alunos surdos, nas escolas comuns, a educação bilíngue - Língua Portuguesa/LIBRAS, desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado é ofertado tanto na modalidade oral e escrita, quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, na medida do possível, o aluno surdo deve estar com outros pares surdos em turmas comuns na escola regular. (BRASIL, 2008, p. 17).

Seção metodológica

A pesquisa de cunho autoetnográfico é um movimento científico novo no Brasil. É um viés metodológico que utiliza as experiências do pesquisador, trabalhando parte do seu acervo pessoal, suas vivências, a conexão do eu e o sociocultural. Em relação à pesquisa na área educacional expande as possibilidades de investigação, mas de forma contextualizada (Ono, 2017).

Assim, a análise dos registros dos relatórios de estágios supervisionados, obrigatórios para finalização de duas disciplinas acadêmicas, trazem resultados direcionados a área da educação surda, perpassando pelos profissionais que atuam com esse público específico.

Para o leitor deste estudo, as vivências, momentos positivos, as frustrações, a relação com o outro, a desconstrução, ora aparente nos recortes, ora nas entrelinhas, produzem conhecimentos e reflexões críticas. Analisar dados gerados no contexto de uso, mesmo que no seu histórico sejam atravessados por material teórico específico.

Seção de discussão de resultados ou análise de dados

O estágio no turno vespertino aconteceu no período de 06/10/2022 a 01/12/2022, às quintas-feiras. A primeira metade desse período era destinada à observação e a segunda metade à prática. A equipe bilíngue da escola era formada por duas professoras bilíngues, quatro professores surdos e não havia tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa. Esses profissionais atendiam seis alunos surdos, sendo 01 do 5º ano, 02 do 7º ano, 01 do 9º ano e 02 das séries iniciais. Trago só um recorte do relatório como exemplo:

Recorte 01

> Ficamos conversando com a professora bilíngue que nos contou sobre como acontece a semana de aula dos alunos. Sobre sua atuação, normalmente utiliza a Libras como meio de comunicação principal, visto que não há tradutores e intérpretes de Libras e língua portuguesa na escola, e o número de surdos é grande, alunos, professores e estagiários. Na curiosidade de saber porque a equipe bilíngue estava desfalcada, a professora nos respondeu que não haviam candidatos interessados na vaga.

Fonte: Relatório de estágio supervisionado I. Pág. 15. Ufes (2022).

Uma das frustrações que senti foi não encontrar o profissional tradutor e intérprete na escola. Como primeira experiência imaginei que ele estaria lá, em sala de aula, mediando a comunicação. Como resultados, a depender da origem da instituição e seus editais para processos seletivos, as cargas horárias, demandas, períodos, e o mais tensionado, a remuneração, são pontos que podem ser relevantes ao interesse no cargo disponível.

Analisando as atribuições do professor bilíngue, acompanhando sua atuação diária, associadas ao problema na composição da equipe bilíngue, era visível sua sobrecarga. Não era possível acompanhar todos os alunos surdos, em alguns momentos alguns ficavam desassistidos. Outra análise interessante é que os professores surdos iam para sala de aula acompanhar os alunos surdos, ou seja, dois surdos recebendo as informações linguísticas em língua portuguesa, sem um mediador, sem um tradutor e intérprete de Libras e língua portuguesa.

Estágio supervisionado obrigatório para a graduação em Letras-Libras – Universidade Estácio de Sá

O estágio no turno noturno aconteceu no período de 08/05/2023 a 20/06/2023, às terças, quartas e quintas-feiras. O período de observação, importante para entender a realidade da escola, as metodologias adotadas pelos professores, o comportamento do aluno, conhecer o ambiente linguístico educacional. A prática, como ato importante para os conhecimentos teóricos adquiridos, a atuação real e contextualizada.

Recorte 03

Durante a aula de história o professor regente passou uma atividade de leitura e depois era preciso responder algumas questões baseadas no texto. A professora bilíngue interpretou todo o texto para o aluno surdo e deixou ele responder tudo sozinho. Ela só auxiliava quando o aluno tinha alguma dúvida. Ele conseguiu realizar a tarefa.

Fonte: Relatório de estágio supervisionado. Pág. 11. Universidade Estácio de Sá (2023)

Não é habitual a professora bilíngue receber o material ou informações sobre o que será trabalhado em sala de aula. Questionada, ela me respondeu que esse assunto já foi pauta de reunião na escola, mas ainda não surtiu efeito. Nesse sentido a questão é complexa, haja vista que a professora bilíngue também atua como tradutora e intérprete de Libras e língua portuguesa. Quanto ao surdo realizar sua atividade de forma autônoma, deixa claro os diferentes níveis de conhecimento dos alunos surdos, e a necessidade de propostas metodológicas que atendam demandas específicas.

Conclusões

Conclui-se a importância do profissional tradutor intérprete de Libras junto à equipe bilíngue no ambiente linguístico escolar, com a experiência vivenciada em uma das escolas referência para matrícula de estudantes surdos do município de Vitória, percebe-se problemas na composição dessa equipe pode acarretar obstáculos à circulação das línguas, ao ensino e à aprendizagem de alunos surdos, além de dificultar a comunicação entre professores e estudantes surdos. Sendo assim essa pesquisa traz contribuições importantes para o ambiente linguístico educacional, pontuando as implicações que a falta da equipe bilíngue completa pode acarretar perdas significativas para o desenvolvimento do aluno surdo.

Referências

ALBRES, Neiva Aquino. **Intérprete educacional**: políticas e práticas em sala de aula inclusiva. São Paulo: Harmonia, 2015.

BRASIL. Lei 10.436: promulgada em 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 10 ago. 2023.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. (Org.) **Por uma linguística aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Linguística Aplicada na modernidade recente**. *Festschrift* para Antonieta Celani. 1 ed. São Paulo: Parábola editorial, 2013.

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL DE UMA INTÉRPRETE EDUCACIONAL NO ENSINO SUPERIOR

Maria Eduarda Pimenta de Oliveira
Orientador: Pedro Henrique Witchs

Introdução

O ingresso de estudantes surdos no Ensino Superior tem sofrido um aumento significativo na última década, bem como as discussões sobre o acesso e a permanência destes indivíduos nas instituições. Ademais, estudos têm focado a figura do profissional tradutor e intérprete de Libras e português na sala de aula, de modo a possibilitar a garantia de direito à acessibilidade linguística dos surdos no contexto educacional. Com este trabalho, objetivo discutir a experiência de interpretação de Libras e português no Ensino Superior sob a perspectiva de uma intérprete iniciante. Para tanto, desenvolvo uma pesquisa de inspiração autoetnográfica a partir de minha própria vivência inicial como intérprete de Libras e português em uma instituição particular de Ensino Superior na região metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. Este resumo expandido está organizado da seguinte forma: após esta breve introdução, caracterizo a atividade do profissional intérprete de Libras e português; em seguida, descrevo aspectos da pesquisa autoetnográfica que possibilitou o trabalho; posteriormente, discuto a minha experiência profissional inicial no Ensino Superior; por fim, situo minhas considerações sobre a pesquisa.

Interpretação de Libras e português: aspectos em torno da atividade profissional

No contexto brasileiro, os contornos profissionais do intérprete de Libras e português passaram a ficar mais definidos na medida em que observamos um aumento da produção do conhecimento sobre Libras, educação de surdos e sobre as práticas de tradução e interpretação envolvendo essa língua, especialmente nas últimas décadas do século XX. Entretanto, é importante considerar que o exercício da interpretação de línguas de sinais está historicamente relacionado ao voluntariado, conforme apontam Masutti e Santos (2008). As autoras destacam que a interpretação voluntária, especialmente a partir do âmbito da família ou das igrejas, frequentemente foi praticada por familiares e amigos de pessoas surdas. Na virada do século, vemos a circulação de discussões que visam à ampliação da compreensão sobre os preceitos éticos do tradutor e intérprete de Libras que, como destaca Quadros (2007), compreendem a neutralidade, o sigilo e a fidelidade na tradução. Nesse contexto, esse trabalho adquiriu outro *status* com o reconhecimento legal da Libras em 2002 e, consequentemente, com a regulamentação da profissão de tradutor, intérprete e guia-intérprete de Libras pela Lei no 12.319/2010, que recentemente foi alterada pela Lei no

14.704/2023. Tal regulamentação reforça a importância da profissão e estabelece parâmetros para o exercício da atividade, assegurando a qualidade e a competência desses profissionais que atuam na inclusão linguística e social das pessoas surdas.

Com a consolidação do campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS) (Rodrigues; Beer, 2015), nos últimos anos, diferentes autores vêm discutindo a tarefa de intérpretes de línguas de sinais em contextos diversos como em conferências, no âmbito da educação de surdos, em situações médicas e hospitalares, na justiça, entre outros. Esses estudos evidenciam que tradutores e intérpretes desempenham um papel fundamental na promoção da inclusão e das condições de igualdade para pessoas surdas. É importante ressaltar que o intérprete educacional não é um tutor e jamais substituirá o professor em sua ausência (Lacerda, 2002; Quadros, 2004). Sua função está relacionada à interpretação da comunicação. Assim, importa compreender que “o intérprete irá atuar nas relações comunicativas entre professor/aluno/alunos e nos processos de ensino/aprendizagem por ter uma língua em comum com o aluno surdo, tendo grande responsabilidade; porém, não pode ser considerado como professor” (Daroque, 2011, p. 31).

A pesquisa de inspiração autoetnográfica

Para realização do trabalho, optei por desenvolver uma pesquisa de inspiração autoetnográfica. Esse tipo de pesquisa, segundo Santos (2017), envolve a construção de um relato a partir da perspectiva de quem pesquisa sobre um grupo ao qual pertence. Assim, baseada em minha primeira experiência profissional no campo da Tradução e da Interpretação, realizo uma discussão sobre a interpretação em Libras no contexto educacional do Ensino Superior. Visto que tomo minha própria experiência para realizar essa discussão, entendo que ela pode contribuir para desenvolver reflexões sobre a prática profissional de intérpretes iniciantes. A reflexividade “assume um papel muito importante no modelo de investigação autoetnográfico, haja vista que a reflexividade impõe a constante conscientização, avaliação e reavaliação feita pelo pesquisador da sua própria contribuição/influência/forma da pesquisa intersubjetiva” (Santos, 2017, p. 218).

Assim, além de minha própria memória, utilizo, como recurso para o desenvolvimento da pesquisa, um diário, no qual registrava anotações sobre o trabalho e a frequência do estudante surdo com o quem trabalhei mais diretamente em uma instituição particular de Ensino Superior da região metropolitana da Grande Vitória, no Espírito Santo. Essa experiência corresponde ao período compreendido entre setembro de 2022 e junho de 2023. Um dos fatores que impulsionou a escolha por essa discussão foi o desafio enfrentado para contribuir com as compreensões do estudante surdo durante as aulas que interpretei. Especialmente, focalizo minhas preocupações com o impacto do meu trabalho na

compreensão de textos em português, na produção de atividades avaliativas da sua aprendizagem.

Minha primeira experiência profissional como intérprete

Em meados do ano de 2022, recebi uma proposta para trabalhar na função de tradutora e intérprete de Libras e português em uma instituição de ensino superior. Esta seria a minha primeira experiência profissional na área de Tradução e Interpretação. Seria um trabalho temporário, no qual atuaria como intérprete em poucas disciplinas da Licenciatura em Pedagogia em que um estudante surdo estaria matriculado, visto que era seu último período.

Como filha de pai surdo e mãe ouvinte que trabalha como tradutora e intérprete, cresci em meio às experiências de interpretação e às vezes também exercendo esse papel de maneira informal. Além disso, como estudante de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação, senti que essa seria uma ótima oportunidade de iniciar minha trajetória profissional, especialmente por perceber que estaria munida de competências tradutórias e interpretativas que desenvolvi no decorrer da minha formação acadêmica, que também estava próxima da conclusão.

Em meu primeiro dia de trabalho na instituição, procurei os professores responsáveis pelas disciplinas em que eu atuaria para me apresentar e também para solicitar uma contextualização de como estava o andamento do semestre com o estudante surdo, já que o período letivo havia iniciado antes da minha chegada. Recebi algumas poucas informações sobre o estudante. Eu não o conhecia. Após 40 minutos de aguardo, fui informada que ele não havia sido comunicado sobre a minha contratação e, por esse motivo, não foi à aula. Procurei algum outro estudante que pudesse me passar o contato dele e, assim, entrei em contato, para saber quais eram as disciplinas que ele fazia, os dias e horários que estaria na instituição. Visto que o coordenador do curso não tinha as informações sobre as disciplinas que o aluno cursava, bem como, os dias que o aluno estava presente na instituição.

No decorrer da semana, o estudante surdo compareceu à aula de uma disciplina. Na ocasião, preocupada por saber que o papel do intérprete nem sempre é bem compreendido, deixei explícita, para a professora e para o aluno, qual era a minha função na instituição. A professora me explicou que a situação do estudante surdo estava complicada, pois ele estava atrasado em relação à turma. Ela me entregou as atividades que o estudante surdo precisava fazer, me explicando superficialmente o que eu deveria orientá-lo em Libras. Nesse momento, lembrei que “é preciso reconhecer que a instituição de ensino superior, assim como a sociedade em geral, está pouco preparada para receber o estudante surdo” (Bisol et al., 2010, p. 159). Assim, expliquei para professora que eu apenas interpretaria o que ela tinha a dizer ao estudante e que eu não era responsável por orientar ou ensinar um conteúdo para o

estudante surdo. A professora então propôs uma atividade para que ele pesquisasse em sua casa.

Observo que, desde a minha chegada, as aulas parecem ter se tornado mais atrativas para o estudante surdo, tendo em vista que, apesar de não ter uma dupla com que eu pudesse revezar (uma característica que identifico no trabalho do intérprete educacional na iniciativa privada), eu interpretava todas as manifestações (até os burburinhos) que aconteciam nas aulas. Além disso, eu questionava se ele estava entendendo minha interpretação, o conteúdo e se havia alguma dúvida. Ele passou a me pedir para ajudá-lo com os estudos para as provas, pois tinha dificuldade com os textos em português. Uma de minhas grandes dificuldades no trabalho de interpretação estava relacionada com seu conhecimento linguístico. Embora já tivesse usado implante coclear e não se adaptado, sua relação com o português não era tranquila. Isso também fez com que ele adquirisse a Libras tardiamente. Nesse sentido, considero importante destacar que

> [...] o profissional intérprete no ambiente acadêmico assume várias responsabilidades, entre elas, tornar acessíveis os conteúdos aos estudantes surdos e considerar que o aluno surdo apresenta uma série de dificuldades de acesso às informações devido ao seu histórico educacional. (Harrison; Nakasato, 2004 apud Daroque, 2011, p. 39)

Diante disso, passei a me ver tentando dar conta de suprir as dificuldades que observava no estudante surdo. Também percebo que uma implicação ética me atravessava nessa situação profissional: sendo filha de surdo, que presencia os desafios linguísticos sociais que uma pessoa surda vivencia no dia a dia, como poderia restringir meu papel a apenas interpretar as interações, sem me envolver com os efeitos do que era entendido pelo estudante? Como eu poderia agir diante das dificuldades que eu percebia haver por parte da instituição e do corpo docente para promover a inclusão do estudante surdo em um processo educacional condizente com as suas necessidades linguísticas? Essas são questões que perpassam a minha primeira experiência profissional como intérprete educacional no ensino superior.

Considerações finais

A tarefa de intérpretes educacionais está longe de ser tranquila. Independentemente do nível de escolarização em que atuam, percebo que esses profissionais enfrentam desafios diversos e permanente responsabilização exclusiva pela inclusão e permanência de estudantes surdos. Com base em minha primeira experiência profissional como intérprete educacional relatada aqui, assim como nos conhecimentos que adquiri durante meus anos de formação acadêmica na área da Tradução e da Interpretação, percebo ser complexo definir os limites dessa atividade no contexto educacional. Assim, entendo ser necessário que a

formação para a inclusão de pessoas surdas deve ultrapassar tradutores e intérpretes, de modo que toda a equipe institucional, gestores e professores, deve compreender as condições de possibilidade para tornar a educação de surdos mais inclusiva e acessível. É também fundamental que a família compreenda a distinção entre professores e intérpretes, assim como também adquiram fluência na língua de sinais.

Considerando a minha primeira experiência profissional no contexto educacional, evidenciadas as condições linguísticas do estudante surdo, as problemáticas enfrentadas dentro da instituição, bem como minha experiência Coda de viver, foi importante desenvolver um estudo de inspiração autoetnográfica que fosse além da perspectiva idealizada da função do intérprete educacional. Realidades diferentes exigem olhares diferentes.

Referências

BISOL, C. A. et al. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, p. 147-172, 2010.

DAROQUE, S. C. **Alunos surdos no Ensino Superior**: uma discussão necessária. 2011. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2011.

LACERDA, C. B. F. O intérprete educacional de língua no ensino fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades. In: LODI, A. C. B. et al. (Org.). **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002. p. 120–128.

MASUTTI, M. L.; SANTOS, S. A. Intérpretes de língua de sinais: uma política em construção. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 148–167.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. 2. ed. Brasília: MEC; SEESP, 2007.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, p. 17–45, 2015.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214–241, 2017.

O CONHECIMENTO PRODUZIDO NO LETRAS-LIBRAS DA UFES: TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE QUASE DEZ ANOS DE CURSO

Sheila Gomes de Sousa
Orientador: Pedro Henrique Witchs

Introdução

No ano de 2014, a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) iniciou a primeira turma do Curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação. Desde então, os estudantes desse curso, sob orientação de seus professores, têm produzido trabalhos com aderência ao campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), assim como também no âmbito dos Estudos Linguísticos e Literários. Este trabalho objetiva discutir a produção acadêmica oriunda do Curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação da Ufes. Para tanto, realizo uma pesquisa bibliográfica compreendida pelo levantamento dos trabalhos de conclusão de curso (TCC) de estudantes de Letras-Libras da Ufes, produzidos no período que considero ser os primeiros nove anos do curso. Assim, espero poder evidenciar a relevância da produção acadêmica dessa área no Espírito Santo, visto que se tratar do único curso superior a formar tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais (Libras) e língua portuguesa em uma instituição pública no estado, além de subsidiar futuras pesquisas nesse campo.

Sobre o Curso de Letras-Libras da Ufes

A história da graduação em Letras-Libras é marcada pela emergência do primeiro curso de licenciatura na área, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina a partir de 2006. Em 2008, vemos acontecer a oferta do primeiro bacharelado em Letras-Libras, na mesma instituição, visando à formação superior de tradutores e intérpretes do par linguístico formado pela Libras e pela língua portuguesa. Como esses cursos pioneiros eram ofertados na modalidade EaD, a Ufes figurou como um dos polos espalhados pelo território nacional, contribuindo para a formação superior de professores, tradutores e intérpretes de Libras no âmbito do Espírito Santo (Quadros, 2014). Em 2011, outro acontecimento importante possibilitou a ampliação desse tipo de formação pelo país:

> O Decreto 7.612, que instituiu o *Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Plano Viver sem Limite*, passou a delinear ações do governo federal para a promoção da inclusão de pessoas com deficiência em todo o Brasil. Dentre as medidas, o Plano previa a criação de 27 cursos de Letras Libras – Licenciatura, para a formação de professores, e Bacharelado, para a formação de tradutores e de intérpretes, e de 12 cursos de Pedagogia na perspectiva bilíngue em nível superior [...]. (Martins; Nascimento, 2015, p. 95)

Assim, em 2013, a Ufes autorizou a criação do curso de Letras-Libras – Bacharelado em Tradução e Interpretação, que passou a funcionar no primeiro semestre letivo de 2014. No Projeto Pedagógico do Curso (PPC) (Ufes, 2013), fica estabelecido que os estudantes desse curso devem produzir o TCC ao longo de 3 semestres, a partir de três disciplinas: Seminário de TCC I, Seminário de TCC II e Seminário de TCC III. Na conclusão do Seminário de TCC III, estudantes deverão apresentar seus trabalhos em sessão pública de um seminário geral de apresentação de TCC.

Sobre a pesquisa bibliográfica com TCC

Na intenção de alcançar o objetivo do trabalho, realizei de uma pesquisa bibliográfica. Para desenvolvê-la, fiz um levantamento de todos os trabalhos de conclusão de curso já concluídos e disponibilizados pela Coordenação no sítio eletrônico institucional do Curso de Letras-Libras da Ufes[3]. Como existe um acordo no Departamento de Línguas e Letras (DLL) da Ufes em relação a não publicização dos TCC em repositório institucional, não tive acesso aos trabalhos na íntegra. Embora não estejam públicos, os TCC vinculados a esse departamento (o que é o caso dos trabalhos de Letras-Libras) podem ser acessados mediante solicitação formal junto ao DLL. Contudo, no sítio eletrônico institucional do Curso de Letras-Libras, estão disponíveis os cadernos de resumos dos TCC apresentados em cada edição do Seminário de TCC de Letras-Libras da Ufes, conforme segue: I Seminário de TCC, realizado em 2017/2; II Seminário de TCC, realizado em 2018/2; III Seminário de TCC, realizado 2019/2; IV Seminário de TCC, realizado em 2021/1; V Seminário de TCC, realizado em 2022/1. A partir desses cadernos, além de quantificar os trabalhos já realizados, foi possível identificar os temas a partir dos títulos e das informações contidas nos resumos, quem foram seus professores orientadores e as principais tendências metodológicas. Esses itens foram inseridos em quadros nos quais estabeleci uma sistematização dos dados para desenvolver a discussão que proponho no trabalho. Ressalto que, em 2020, ano em que o mundo vivenciou os primeiros impactos da pandemia de Covid-19, não há registro de estudantes que tenham concluído o curso ou mesmo apresentado TCC. Além disso, em conversa com a Coordenação do Curso, soube que, em 2021/2, uma estudante defendeu seu TCC em sessão única, de modo que seu trabalho não aparece no caderno de resumos do IV Seminário de TCC, que aconteceu no primeiro semestre letivo daquele ano.

É importante salientar que, embora esses trabalhos tenham sido apresentados nos últimos cinco anos, entendo que eles são frutos dos nove primeiros anos do curso, porque são gestados, muitas vezes, em disciplinas como a de Pesquisa em Tradução e Interpretação,

[3] Disponível em: https://letras.ufes.br/letras-libras.

que é ofertada logo no primeiro ano e, normalmente, exige a experiência de elaboração de um projeto de pesquisa por parte dos estudantes. Também há casos de estudantes que desenvolveram iniciação científica no decorrer dos primeiros anos do curso e deram continuidade às suas investigações no momento do TCC. Além disso, pretendo incluir, neste trabalho, dados relativos aos TCC apresentados pelos meus colegas de turma em 2023.

Sobre a produção analisada

A partir da análise dos dados encontrados nos cadernos de resumos dos TCC de Letras-Libras da Ufes de 2017, 2018, 2019, 2021 e 2022, foi possível fazer identificar características que marcam a produção do conhecimento no âmbito do Curso. Nesta seção, destaco algumas dessas características a partir de X categorias: (i) quantidade de TCC apresentados por ano, (ii) suas temáticas e (iii) suas orientações. Em relação à quantidade de trabalhos apresentados por ano, destaco: em 2017 foram apresentados 11 TCC; em 2018, 16; em 2019, 10; em 2021, 3; em 2022, 22. Ao todo, posso dizer então que o Letras-Libras da Ufes soma 62 trabalhos de conclusão apresentados até agora. Observo que 2022 se destaca como o ano em que teve mais apresentações de TCC no Curso.

Com base nos títulos e nas informações contidas nos resumos, observo a circulação de 15 temáticas nos TCC, a saber: análise linguística de interpretação; cinema surdo; escrita de sinais; formação de tradutores e intérpretes; guia-interpretação; literatura surda; tradução e interpretação artístico-cultural; tradução e interpretação educacional; tradução e interpretação em contextos políticos; tradução e interpretação em contextos corporativos; tradução e interpretação em contextos jurídicos; tradução e interpretação em contextos turísticos; tradução e interpretação em contexto de saúde; tradução e interpretação religiosa; e tradução literária. Destaco que, em um dos trabalhos de 2017, contabilizei duas temáticas, uma vez que ele foca a tradução de música em contexto religioso. As ocorrências temáticas desses trabalhos podem ser observadas no gráfico apresentado na Figura 1 em ordem alfabética:

Figura 1 – Ocorrências temáticas nos TCC de Letras-Libras da Ufes

Fonte: elaborada pela autora (2023).

Com base na identificação das ocorrências temáticas, observo que os três principais temas abordados nos trabalhos de conclusão de Letras-Libras se concentram em torno da tradução e intepretação educacional, com 12 ocorrências; da tradução e interpretação artístico-cultural, com sete ocorrências; e da literatura surda, com seis ocorrências.

Na sequência, evidencio quem foram as professoras e professores que orientaram dos TCC, porque entendo que identificá-los também possibilita compreender os caminhos percorridos no desenvolvimento desses trabalhos, visto que a escolha por uma temática, muitas vezes, está associada à escolha por um determinado orientador que tem experiência e trânsito sobre um campo em específico.

Quadro 1 – Principais temáticas por orientação

Orientação	**Principais temáticas orientadas**
Ademar Miller Junior	tradução e interpretação educacional
Arlene Batista da Silva	cinema surdo; escrita de sinais; guia-interpretação; formação de tradutores e intérpretes; literatura surda; tradução e interpretação educacional; tradução e interpretação artístico-cultural; tradução literária; tradução e interpretação em contextos políticos; tradução e interpretação religiosa
Dayane Soares Rosa	tradução e interpretação artístico-cultural
Flávia Medeiros Álvaro Machado	análises linguísticas de interpretação; formação de tradutores e intérpretes; tradução e interpretação educacional; tradução e interpretação em contextos jurídicos; tradução e interpretação em contextos políticos; tradução e interpretação em contextos de

	saúde; tradução e interpretação em contextos turísticos
Jeff Jeffa Moreira Santana	formação de tradutores e intérpretes; tradução e interpretação artístico-cultural; tradução literária
Keila Cardoso Teixeira	tradução e interpretação artístico-cultural; tradução literária
Leonardo Lúcio Vieira-Machado	tradução e interpretação artístico-cultural
Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado	tradução e interpretação educacional; tradução literária
Pedro Henrique Witchs	formação de tradutores e intérpretes; tradução e interpretação artístico-cultural; tradução e interpretação educacional; tradução e interpretação em contexto corporativo; tradução e interpretação em contextos políticos; tradução e interpretação em contextos de saúde, tradução literária
Wharlley dos Santos	análises linguísticas de interpretação; escrita de sinais; tradução e interpretação em contextos de saúde

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Na maioria das ocasiões, as/os docentes a orientar trabalhos são servidoras/es efetivas/os do DLL, que atuam diretamente com as disciplinas ofertadas ao Curso de Letras-Libras tais como o Prof. Ademar Miller Junior, a Profa. Arlene Batista da Silva, a Profa. Flávia Medeiros Álvaro Machado, a Profa. Jeff Jeffa Moreira Santama, o Prof. Leonardo Lúcio Vieira-Machado, a Profa. Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado e o Prof. Pedro Henrique Witchs. Em algumas ocasiões, professoras/es substitutas/os também atuaram na orientação de TCC, como Dayane Soares Rosa e Wharlley dos Santos. Além disso, também houve uma situação em que a Profa. Keila Cardoso Teixeira, docente efetiva do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação, do Centro de Educação da Ufes, também orientou dois trabalhos.

Considerações finais

Considero importante ressaltar que o Curso de Letras-Libras da Ufes evidencia sua relevância não apenas por responder à demanda social por profissionais com formação superior para o trabalho com tradução e interpretação de Libras e língua portuguesa nos mais variados contextos, mas também por ser um curso que produz conhecimento em torno dos ETILS, bem como dos Estudos Linguísticos e Literários que focalizam língua de sinais e pessoas surdas. Ao mapear essas produções, registro o desenvolvimento e os desafios do Curso nos seus quase primeiros dez anos de existência.

Referências

MARTINS, V. R. O; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice-versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. esp. 2, p. 78–112, 2015.

QUADROS, R. M. **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

UFES. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Letras Libras**: Bacharelado em Tradução e Interpretação. Vitória: Ufes, 2013.

WITCHS. P. H.; BURGARELLI. E. F. Libras como campo disciplinar: efeitos de uma produção cultural surda. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 56, p. 225–241, 2021.